



TEXTO BASE:
**GRUPOS DE
PROFISSIONAIS
DO REINO**

TEXTO BASE:

GRUPOS DE PROFISSIONAIS DO REINO





APRESENTAÇÃO

“Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2, 5)

Essa frase de Maria aos serventes nas bodas de Caná foi o tema do III Encontro Nacional de Profissionais (ENP), realizado nos dias 12 a 15 de outubro de 2006, na cidade de Maringá/PR e tornou-se, para nós, Profissionais do Reino, uma proposta de vida. Este convite da Mãe do Senhor e nossa, ecoou no pedido do Papa Bento XVI à Igreja Latino-americana e do Caribe no V CELAM: sermos “Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que, Nele, nossos povos tenham vida”.

Atentos à voz do Bom Pastor, de sua Mãe e da Igreja, os Profissionais do Reino da Renovação Carismática Católica do Brasil comprometem-se a serem sinais de salvação no mundo, assumindo seus postos de discípulos missionários de Jesus e tornando-se, assim, presença profética do Reino de Deus em todos os lugares e, particularmente, no mundo do trabalho.

Na busca de concretizar esse chamado, a Renovação Carismática Católica (RCC), a qual se lançou em “águas mais profundas” no intuito de evangelizar o mundo do trabalho e dos leigos¹ profissionais, se faz presente no ambiente profissional e no mundo do trabalho principalmente por meio dos Grupos de Profissionais do Reino – GPRs e Grupo de Oração no Trabalho – GOTs. Esses grupos, como apresentado a seguir, visam formar Profissionais do Reino de Deus, que objetivem transformar a realidade profissional e social à sua volta e, assim, colaborar na construção da tão sonhada Civilização do Amor².

A Comissão Nacional de Profissionais (CNP) apresenta, portanto, seu Texto Base no qual estão definidos e delineados conceitos relacionados às características fundamentais do Profissional do Reino e de sua ação e missão na RCC, na Igreja, na sociedade e, mais especificamente, no mundo do trabalho. Tais esclarecimentos estão pautados nas experiências dos Grupos de Profissionais do Reino já existentes, entretanto, atentos às transformações históricas e à voz de Deus, as novas manifestações do Espírito sempre deverão ser discernidas e acolhidas.

*Comissão Nacional de Profissionais
Renovação Carismática Católica do Brasil 3
Agosto de 2015*

1 Cristãos batizados que não sejam ordenados e religiosos. Inseridos na Igreja, com ênfase na família e na sociedade.

2 Entendemos como **Civilização do Amor**, o Reino de Deus que começa aqui na Terra. Reino construído com valores do Evangelho

3 **A Renovação Carismática Católica** é uma expressão eclesial da Igreja Católica Apostólica Romana, que tem a missão de ser hoje na Igreja e no mundo o rosto, memória, e atualização da espiritualidade e da cultura de Pentecostes. A RCC nasceu nos EUA, pós Concílio Vaticano II no ano de 1967 (no chamado FIM DE SEMANA DE DUQUESNE) e chega ao Brasil em 1970, na cidade de Campinas-SP, com os Padres Haroldo Joseph e Eduardo Dougherty.



Parte I

PROFISSIONAIS DO REINO, PILARES E COMUNIDADES

1 PROFISSIONAIS DO REINO: HISTÓRICO

“No nosso tempo, ávido de esperança, fazei com que o Espírito Santo seja conhecido e amado. Assim, ajudareis a fazer que tome forma aquela ‘cultura do Pentecostes’, a única que pode fecundar a civilização do amor e da convivência entre os povos. Com insistência fervorosa, não vos canseis de invocar: ‘Vem, ó Espírito Santo! Vem! Vem!’” (João Paulo II, 14 de março 2002).

O trabalho com os Profissionais do Reino (PdR) se iniciou dentro do Ministério Universidades Renovadas (MUR), em 1998, com uma nova expressão comunitária, particular e específica chamada Grupos de Partilha e Perseverança (GPP) e que, mais adiante, tornou-se Grupo de Partilha de Profissionais (GPP). Com o passar dos anos, houve, à luz do Espírito Santo, a construção da identidade dos profissionais e um debruçar sobre o chamado, a missão e o campo de evangelização deste grupo dentro da RCC e da Igreja. Após dez anos de efetiva atuação, a Comissão Nacional dos Profissionais (CNP), responsável pela organização dos trabalhos com os profissionais dentro do MUR, solicitou ao MUR e a Presidência do Conselho Nacional da RCC Brasil, uma reflexão sobre a identidade, missão e estrutura dos PdR dentro do movimento.

Após oito meses de reflexão e de discernimento a Comissão e Equipe de Trabalho e Articulação do Conselho Nacional, instituída em janeiro de 2013 pela RCC Brasil, junto ao MUR e à CNP identificou a existência de um campo de missão específico para o trabalho dos PdR, o mundo do trabalho-sociedade, e acolheu-os no movimento como uma Assessoria de Serviços para a RCC Brasil, que auxiliará nas ações que visam a evangelização do vasto mundo do trabalho.

Hoje (2015), já são cerca de 24 grupos, nos quais profissionais das mais diversas áreas buscam colocar seus talentos a serviço uns dos outros e da sociedade; promovem estudos visando a formação espiritual, doutrinal e humana de seus membros; divulgam o ensino social cristão e os documentos que versam sobre a vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo; oram juntos; vivenciam a efusão do Espírito e suas conse-



quências, qual seja, a vivência de uma fé que se compromete, que não se individualiza; participam e apoiam a Igreja, mais especificamente por meio da RCC, em suas necessidades e campanhas. Enfim, buscam “ordenar de tal modo as coisas temporais, às quais estão intimamente unidos, que elas continuamente se façam e cresçam segundo Cristo, para louvor do Criador e Redentor⁴”.

Crê-se que tal experiência comunitária seja capaz de formar cristãos maduros, que conheçam e vivenciem os tesouros da sua fé. Que sejam repletos de ardor missionário, competentes, solidários, capazes de amar e de servir a todos, empenhados na busca do bem comum e aptos a se debruçarem sobre os principais problemas sociais, econômicos e políticos de nosso país. A partir de vivências concretas realizadas no âmbito do trabalho e das pequenas comunidades, busca-se que os GPRs organizem ações na sociedade, como, por exemplo, a proposição de políticas públicas de defesa da dignidade da pessoa humana e de ações sociais que promovam a humanidade dos filhos de Deus de forma integral.

Estes grupos de profissionais são, historicamente, frutos imediatos da experiência de Pentecostes, vivenciados nos Grupos de Oração Universitários⁵. No entanto, ao longo do tempo, passou a acolher outros profissionais, que não provinham do MUR e, até mesmo profissionais que não passaram por um curso superior, abrindo-se assim, a toda a RCC Brasil e à Igreja. Constituíram-se, assim, como já foi afirmado, como um novo trabalho de evangelização e, portanto, com um campo específico de missão, dentro da RCCBRASIL.

4 *Lumen Gentium*, Cap. IV, 31b.

5 “Minuta da Apresentação da Expressão de Formados do Ministério Universidades Renovadas e RCC”, I Congresso Teológico da RCC, São Paulo, julho 2002.



2 . PROFISSIONAIS DO REINO: NATUREZA E MISSÃO COMO IGREJA

A expressão “Profissional do Reino” deve ser compreendida como o ideal de homens e mulheres que exercem suas profissões e conduzem suas vidas à luz do Evangelho e que, movidos pelo Espírito Santo, buscam o Reino de Deus e sua justiça em primeiro lugar.

Os GPRs são constituídos, portanto, de leigos e de leigas que reconhecem a dignidade decorrente do Batismo, e que, participando do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, sentem-se chamados “à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade”⁶. Partem do pressuposto de que, como afirma a *Lumen Gentium*,

Aos leigos compete, por vocação própria, buscar o reino de Deus, ocupando-se das coisas temporais e ordenando-as segundo Deus. **Vivem no mundo, isto é, no meio de todas e cada uma das atividades e profissões**, e nas circunstâncias ordinárias da vida familiar e social, as quais como que tecem a sua existência. Aí os chama Deus a contribuir, do interior, **à maneira de fermento, para a santificação do mundo**, através de sua própria função; e, guiados pelo espírito evangélico e desta forma, a manifestarem Cristo aos outros, principalmente com o testemunho da vida e o fulgor da sua fé, esperança e caridade⁷.

Logo, é possível caracterizar o participante dos GPRs como um profissional que, movido pelo Espírito Santo, vive sob o senhorio de Jesus, buscando ser íntegro, coerente, digno e competente, além de comprometido com a construção da Civilização do Amor por meio dos valores do Evangelho, tendo em vista a maturidade cristã integral (humana, espiritual e profissional).

Identifica-se assim, um chamado especial para com a sociedade por meio de sua profissão, uma missão e um olhar em Cristo que objetiva aplicar os conhecimentos adquiridos sob a ótica de um verdadeiro cristão, que busca o Reino de Deus e a sua justiça nas pequenas coisas. Um profissional comprometido em disseminar a Cultura de Pentecostes e observar os princípios e ensinamentos da Santa Igreja Católica, começando pelo seu local de trabalho, evangelizando com a vida e transmitindo Cristo em todas as coisas. Deste modo, como afirma a *Lumen Gentium* na sua parte IV n. 38,

Cada um dos leigos deve ser, perante o mundo, testemunha da ressurreição e da vida do Senhor Jesus e sinal do Deus vivo. Todos juntos e

⁶ *Christifideles Laici*, n.16.

⁷ *Lumen Gentium*, Cap. IV, 31.



cada um, na medida das suas possibilidades devem alimentar o mundo com frutos espirituais⁸ e infundir-lhe o espírito que é próprio dos pobres, dos mansos e dos pacíficos, daqueles que o Senhor no Evangelho proclamou bem-aventurados. **Numa palavra: o que a alma é no corpo, sejam-no os cristãos no mundo.**

Entretanto é importante esclarecer dois pontos fundamentais em relação à terminologia “Profissional do Reino”, até mesmo por que correríamos o risco de ser mal-interpretados. O primeiro deles refere-se ao lugar de origem deste profissional. Este lugar é de certa forma “desconhecido” por que temos a consciência de que formar “Profissionais do Reino” não é uma atribuição exclusiva da Comissão Nacional de Profissionais. Graças a Deus, são muitos os Profissionais do Reino que dão testemunho vivo de Jesus em suas práticas diárias, eles não estão apenas na RCC ou na Igreja Católica. O outro ponto diz respeito ao próprio entendimento da palavra profissional que significa: “aquele que cumpre um ofício”. O termo *profissional não é circunscrito à formação acadêmica, obviamente.*

Dessa maneira, os Profissionais do Reino comprometem-se a fazer de suas comunidades uma opção séria de santidade pessoal e comunitária, a fim de serem expressões vivas do Amor de Cristo.

O anúncio do Evangelho de Cristo nos urge a constituir comunidades de fé vivas, profundamente inseridas nas diversas culturas e portadoras de esperança, para promover uma cultura da verdade e do amor na qual cada pessoa possa corresponder plenamente à sua vocação de filho de Deus na plenitude de Cristo (Ef. 4,13)⁹.

8 Cf. Gl 5, 22.

9 Conselho Pontifício da Cultura. Para uma pastoral da cultura. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 75.



3. O QUE É UM GRUPO DE PROFISSIONAIS DO REINO (GPR)?

Os primeiros grupos de profissionais nasceram como um espaço de comunhão e de partilha de experiências, de questionamento sobre os desafios de se viver a fé nos meios profissionais e de oração comunitária. Contudo, havia a preocupação de se ficar em um tom por demais intimista e perder de vista o ideal comunitário da construção da Civilização do Amor, a **concretização** do sonho no dia a dia dos participantes, o amadurecimento da fé e das demais dimensões do ser humano.

Os Grupos de Profissionais do Reino são, portanto, grupos católicos carismáticos, vocacionados a colocar sua profissão e seus talentos, enfim, sua vida a serviço da sociedade e assim contribuir com a construção da Civilização do Amor, sendo esta compreendida como o reino de Deus que começa aqui na Terra, constituído com os valores do Evangelho.

Os GPRs vêm se caracterizando, em sua maioria, por comunidades relativamente pequenas quanto ao número de participantes, sendo esta sua peculiaridade, sobretudo pelo perfil do grupo, no qual a partilha e a comunhão deve se fazer presente de forma efetiva.

Muitas vezes, nossas comunidades mal merecem esse nome, porque são demasiadamente grandes, massificadas, impessoais. Devemos continuar o nosso esforço de estimular a formação de comunidades menores ou de grupos, que facilitem um relacionamento direto e pessoal. No ambiente urbano, será mais difícil estabelecer comunidades e grupos com a mesma estabilidade e de maneira homogênea. Porém, grupos ou comunidades ambientais (trabalhadores de uma empresa, profissionais de saúde, professores...) podem constituir válida experiência eclesial e contribuir para a transformação das estruturas sociais¹⁰.

Os GPRs vêm sendo entendidos assim, como uma nova forma de expressão da graça de Deus em prol da transformação da sociedade. Entende-se, neste contexto que

A iniciativa dos cristãos leigos é particularmente necessária quando se trata de descobrir, de inventar meios para impregnar as realidades sociais, políticas e econômicas com as exigências da doutrina e da vida cristãs. Esta iniciativa é um elemento normal da vida da Igreja¹⁰.

¹⁰ 10 Estudos da CNBB n. 77: Missão e ministério dos leigos e leigas cristãos, n. 101. CIC, 899.



4. O QUE CARACTERIZA UM GRUPO DE PROFISSIONAIS DO REINO?

Desde o início, o sentimento de pertença (família) tem impulsionado e motivado os Profissionais do Reino e os GPRs. Esta forte unidade coloca-se em evidência quando percebemos que ao longo destes anos há uma “mesma experiência” quanto aos GPRs, seja na sua realidade local, estadual e até nacional.

Desde o I Encontro Nacional de Profissionais em Belo Horizonte (2002), e mesmo nas experiências que surgiam isoladamente no Brasil, algo em comum acompanhou o desenvolvimento das comunidades de profissionais em todos os estados: o desejo de partilhar em comunidade e a busca cotidiana por viver, por meio da profissão, o chamado de Deus.

Nesse contexto, nos Estados de São Paulo e Minas Gerais foram realizados os primeiros encontros de profissionais, nos quais ficaram evidenciados uma mesma unidade e os mesmos ideais para as diferentes comunidades. Tais ideais foram expressos, por escrito, na chamada “Carta de Bauru”¹¹ (Bauru/SP) e no “Tripé do grupo”¹² (Belo Horizonte/MG). Estas “cartas” são as primeiras a falar dos sentimentos, vivências e ideais dos Profissionais do Reino.

Quando falamos das características do GPR, temos que nos referir a esses dois primeiros textos, que refletem um mesmo sentimento quanto à vivência dessa experiência. Na “Carta de Bauru” são destacadas cinco características (Sentimento de Comunidade, Espiritualidade, Formação, Diálogo e Ação) e no “Tripé do grupo” são definidas três (Oração, Formação e Ação).

Na carta de Bauru em 2003 delinea-se o “Ideal GPR” (Na época GPP) como uma comunidade de profissionais fundada na pentecostalidade da identidade da RCC que busca formar seus membros em santidade e serviço e, no diálogo com a Igreja e suas expressões no mundo, a fim de construir a Civilização do Amor.

Tem-se, na compreensão atual, que os cinco pilares apresentados na sequência contemplam tanto a “Carta de Bauru” quanto o “Tripé do GPR”, abarcando assim, no presente momento, as questões básicas que um GPR deve buscar viver. Desse modo, orientamos os grupos existentes, bem como aqueles que surgirão, para que possam vivenciar intensa e criativamente as características basilares de nossas comunidades:

4.1. PRIMEIRO PILAR: COMUNIDADE ACOLHEDORA E FRATERNA

11 Na II Partilha dos Formados Paulistas realizada na cidade de Bauru /SP, em 2003, foram elencados 5 itens que caracterizariam os Grupos de Partilha de Profissionais Paulistas, os quais ficaram conhecidos como a “Carta de Bauru”.

12 O “Tripé do grupo” foi assim designado, em Belo Horizonte, em 2003, por um dos primeiros Grupos de Partilha de Profissionais.



“Perseveravam eles na doutrina dos apóstolos, nas reuniões em comum, na fração do pão e nas orações”. (Atos 2, 42)

O GPR deve ser uma comunidade acolhedora e fraterna, consciente das necessidades -materiais e espirituais - de seus integrantes, sendo um local onde se partilhe experiências, realidades e a própria vida. O próprio Deus é Um, mas não solitário¹³. Ele é comunidade, Trindade, relação. Como comunidade de amor, perfeita e feliz em si mesma, poderia se fechar, mas como é próprio do amor, não cabe em si mesmo, não vive para si: dá-se, doa-se, transborda, para o bem de todos, de toda a criação.

Assim, cada homem e mulher encontram sua realização no tornar-se semelhante a Deus, Trindade de Amor, amando como Jesus amou, não vivendo para si, mas doando-se, nas pequenas coisas do cotidiano até, se necessário, sua vida como um todo. Por isso, cada membro do GPR deve ter “espírito de comunidade”: que percebe as necessidades do próximo, está atento ao outro, às suas opiniões e visão. Ou seja, que enxerga em cada participante uma peça fundamental da comunidade. Como em um quebra-cabeça que precisa de todas as peças para ficar completo, assim, vivendo em espírito de comunidade, somos peças essenciais que completamos nossa comunidade.

Os GPRs pretendem ser espaço para experienciar este Deus que ama primeiro, que nos ama através do outro, que usa de misericórdia para conosco, que nos atrai ao Amor e dilata nossos corações para amarmos a todos. Para tanto, os GPRs não devem se fechar em si mesmos, mas, como Cristo, permanecerem abertos a toda realidade humana que os cerca.

4.2. SEGUNDO PILAR: ESPIRITUALIDADE PENTECOSTAL

Fundada em uma espiritualidade pentecostal - que impulsiona seus membros à santificação em meio às realidades terrestres - a vivência espiritual dentro do GPR e, em consequência, na própria realidade pessoal e profissional, deve ser guiada pela luz do Espírito Santo. É justamente essa experiência pessoal, comunitária e carismática, por meio do batismo no Espírito Santo (espiritualidade da RCC), que impulsiona e traz sentido à vida do profissional vocacionado a participar do GPR.

Reinaldo Bezerra dos Reis, no Plano de Ação da RCC 2006/2007, deixa bem claro a relação entre a RCC e Pentecostes:

Aquilo que distingue a Renovação Carismática é a leitura, a interpretação que ela faz do evento chamado Pentecostes, considerando em sua práxis que aquilo que ocorreu na aurora do Cristianismo pode se repetir no aqui e agora da vida da Igreja. A Renovação crê - e procura experienciar - uma sempre renovada efusão do Espírito Santo, e permanece em atitude de fé expectante, de total abertura à manifestação

13 CIC, n. 254.



dos dons que o Espírito bem aprouver de nos conceder. [...] decorre que desta postura ante o mistério de Pentecostes, emerge um dos aspectos fundamentais do papel e da missão da Renovação Carismática: ser, hoje, na Igreja e no mundo, rosto, memória e atualização da espiritualidade e da cultura de Pentecostes!...

Assim, conclui o mesmo autor:

Estudá-lo, cultuá-lo, e buscar ter para com o Espírito Santo um relacionamento pessoal é, sem dúvidas, dever de todos, na Igreja. Tê-lo, porém, como elemento preponderante em suas reflexões, bem como empenhar-se de modo consciente, em realçá-lo como protagonista de toda ação missionária, e contribuir para que mais e mais pessoas possam perceber Pentecostes como uma realidade viva que pode afetar positivamente suas próprias vidas, é coisa que, inegavelmente, a Renovação Carismática precisa lançar-se com afinco e destemor, até por uma questão de coerência quanto ao “nome” e de fidelidade à graça e à vocação recebidas do Senhor”.¹⁴

4.3. TERCEIRO PILAR: FORMAÇÃO INTEGRAL

O GPR deve propiciar espaços de qualidade para que cada membro experimente formação integral (espiritual, doutrinária e humana), vivencial, permanente e planejada. Não se pode ficar puramente em uma partilha (dos acertos e dos problemas), mas, sim, ir além, “iluminá-los” com uma profunda formação integral. Formação que não pode ser de maneira aleatória, senão coerente com os problemas e as principais questões que afetam a sociedade atual. Esta formação nos permitirá estarmos atentos ao que nos pede o Evangelho, a Igreja e seu Magistério, e a RCC, no que concerne à nossa capacitação para semearmos a Cultura de Pentecostes no Mundo do Trabalho e das Profissões, sobretudo nos corações dos trabalhadores e profissionais, dando assim, nossa contribuição na Construção da Civilização do Amor.

Entende-se por formação espiritual um aprofundamento na fé, em questões relativas à vivência, à experiência que se faz com Deus; formação doutrinária como uma constante busca por um embasamento na doutrina da Igreja, por meio de seus documentos e do Catecismo da Igreja Católica; e formação humana - no sentido do crescimento em diversos aspectos: social, psíquico, intelectual e crescimento profissional - como um reflexo de uma busca que perpassa a dimensão humana e que a afeta diretamente.

É fundamental que cada Profissional do Reino, nos seus diversos níveis (membro de GPRs, GOTs, coordenações diocesanas, estaduais, regionais e nacionais), ao abordar o pilar da formação, busque desenvolvê-lo a partir de um Planejamento Estratégico, cons-

¹⁴ Plano de Ação da RCC 2006/2007. Sede Santos, p. 30.



truído, desenvolvido e avaliado por todos os envolvidos, primando sempre pelo diálogo entre as estruturas relacionadas dos Profissionais do Reino dentro da organicidade da RCC enquanto ser Igreja, visando à unidade. Faz-se necessário, então, que todos aqueles que atuam neste campo saibam o porquê e os objetivos pessoais e comunitários a serem atingidos, por meio do processo de formação: humana, espiritual e doutrinária.

4.4. QUARTO PILAR: DIÁLOGO: CONSTRUINDO PONTES

O GPR deve primar pelo diálogo com a RCC e suas expressões, com a Igreja como um todo e com a sociedade, buscando aprender com o outro e formar parcerias (construir pontes).

Ao se falar de diálogo, não se pode deixar de abordar a importância do mesmo entre os próprios Profissionais do Reino, bem como destes com as demais expressões da Renovação Carismática Católica na sua realidade local e nacional. O GPR deve trabalhar em vista de uma ação conjunta, para que o intercâmbio entre diferentes expressões sirva como uma sadia troca de experiências em prol da Civilização do Amor, de tal maneira que nossas ações assumam dimensões mais amplas, por meio dos inúmeros parceiros. A própria RCC tem nos exortado a ampliar nossa visão, o que se traduz em olharmos para a realidade ao nosso redor, para nosso campo de missão de uma forma mais abrangente e inovadora que noutros momentos.

O diálogo com a Igreja é essencial. Primeiramente, somos parte de um mesmo corpo (I Cor 12, 12-14). Nesse sentido, deve-se cuidar para que não se faça um trabalho isolado do restante do corpo:

A articulação é uma necessidade hoje muito sentida, face à tendência à segmentação, especialização e fragmentação, que atingem tanto a sociedade e a cultura em geral quanto à evangelização e a pastoral. A articulação não visa a criar relações de subordinação de certas atividades a outras ou uniformidade na ação, mas a estabelecer uma efetiva comunicação entre os interlocutores, que permita o intercâmbio de informações e, eventualmente, através do diálogo, a elaboração de um consenso. Respeita a pluralidade mas evita o isolamento. Cria o que, na linguagem atual, é chamado de “rede”. Do ponto de vista prático, evita falhas desnecessárias: visão estreita das responsabilidades da missão; acúmulo do trabalho em poucos agentes; repetição e desperdício por um lado e tarefas não atendidas por outro; preocupação com o imediato em prejuízo do importante... Do ponto de vista eclesial, a articulação é, também, um testemunho de comunhão e participação.¹⁵

15 CNBB Doc. 54 n. 296.



4.5. QUINTO PILAR: MISSÃO E AÇÃO NA SOCIEDADE

A formação de Discípulos Missionários de Jesus Cristo deve ser prioritária em um GPR. Por isso, as suas reuniões devem propiciar a formação de seus membros como discípulos, visando a MISSÃO e a AÇÃO no contexto eclesial e social no qual estamos inseridos. Um campo privilegiado para atividades missionárias é o local de trabalho, um ambiente repleto de desafios ou mesmo adversidades, portanto, repleto de possibilidades para o crescimento do Profissional como protagonista da Cultura de Pentecostes, seja no mundo do trabalho, da sociedade, da Igreja, da RCC, e do próprio GPR.

Dessa forma, nossos membros precisam ser capacitados pelo Poder do Espírito Santo a efetivarem os GOTs (Grupo de Oração no Trabalho); criar novos GPRs; promover Experiências de Oração para Profissionais; consolidar o Projeto Primeiro de Maio¹⁶ em todas as cidades onde estamos inseridos, enfim, semear a Cultura de Pentecostes, para **“construir nessa cidade a Civilização do Amor”**.

O GPR é convidado a **efetivar** seu chamado de construir a Civilização do Amor por meio de seus talentos profissionais, promovendo uma ação concreta na sociedade, seja no âmbito local ou conjuntural, isto é, tanto em um local específico e/ou cotidiano quanto desenvolvendo projetos que pensem a macroestrutura social (instituições políticas, jurídicas, sociais) na qual estamos inseridos. O Profissional do Reino evangeliza, assim, com o testemunho de vida, buscando aplicar os conhecimentos profissionais e espirituais a serviço do próximo.

Em suma, pode-se dizer que a proposta de vivência da fé enfatizada pelos GPRs é de uma fé contextualizada, ou seja, articulada com as vivências diárias, de modo que a fé seja o diferencial no qual o sujeito baseie suas ações. Uma fé que parte da experiência mística do amor de Deus como impulso para que se tenha como inspiração e modelo os exemplos de Jesus. Assim, o GPR deseja instigar uma fé comprometida e engajada com o contexto no qual está imerso, **uma fé que gere consequências concretas:**

O anúncio da Palavra de Deus não se limita a um ensinamento: quer suscitar a resposta da fé, como consentimento e compromisso, em vista da aliança entre Deus e seu povo. É ainda o Espírito Santo que dá a graça da fé, que a fortifica e a faz crescer na comunidade¹⁷.

Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da mente, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito¹⁸.

16 Para maiores informações consultar: <http://www.projetoprimeirodemaio.com.br/>

17 CIC 1102

18 RM, 12, 2



Nesse sentido, a ação social é um dos elementos constitutivos do cristão no mundo de hoje. Assim, não podemos ficar parados e/ou calados diante de tantas situações sociais desumanas, devemos colocar nossos dons e habilidades profissionais a serviço do próximo. Cabe destacar que essa ação social parte da realidade de cada GPR, observando as possibilidades, as demandas e disposição do grupo, podendo ser realizada em parceria com outros movimentos ou entidades.

O importante é ter no cerne a transformação social e não apenas uma ação imediata, evitando ações assistencialistas que gerem dependência e não trazem um diferencial na vida dos participantes. Não precisa ser grandes ações e nem atender a um grande número de pessoas, mas sim um serviço qualitativo e que realmente ofereça um olhar cristão sobre a vida dos atendidos e possibilite minimamente que estes tenham sua dignidade humana garantida.



5. ALGUMAS QUESTÕES IMPORTANTES

5.1. COMO FAÇO PARA COMEÇAR UM GPR?

A resposta para esta pergunta começa na oração. Primeiramente escute a Deus: rezando, compartilhando e observando o chamado de Deus nos fatos. Depois procure o coordenador da RCC de sua diocese para comunicar e compartilhar sobre o início do novo GPR.

Depois **estude atentamente** o **Texto Base** em comunidade e faça um planejamento das ações que o grupo pretende desenvolver.

Busque sempre a unidade com as instâncias (coordenações) de Profissionais do Reino existentes em sua cidade, diocese, estado e região. A Comissão Nacional de Profissionais (CNP) encontra-se à disposição para maiores esclarecimentos e devidas orientações pelo e-mail: profissionaldoreino@gmail.com.

Há também uma lista para coordenadores e representantes dos profissionais. Encaminhe, então, um e-mail para coord-profissionaisdoreino-subscribe@googlegroups.com solicitando sua inserção.

O coordenador do GPR deverá ainda cadastrar o seu grupo no site da RCC www.rccbrasil.org.br no mesmo lugar em que são cadastrados os Grupos de Oração. Solicitamos que o coordenador coloque a sigla GPR antes do nome do grupo ex.: GPR Santos Anjos ou GPR Ribeirão Preto. A responsabilidade sobre a atualização dos dados do GPR no site da RCC, neste caso, é do coordenador do GPR. Frisamos que é importante fornecer um e-mail para contato.

5.2. OS PARTICIPANTES DE UM GPR PRECISAM FREQUENTAR UM GRUPO DE ORAÇÃO?

A prática da espiritualidade pentecostal da RCC nos Grupos de Profissionais do Reino já contempla a vivência do Batismo no Espírito Santo, dos carismas, a acolhida, o louvor, a oração, a partilha da Palavra e o envio. Dessa forma, seus participantes já realizam no próprio grupo a sua pertença carismática concernente à identidade da RCC, sendo-lhes facultativo participar ou não de outro do GO (Grupo de Oração) da Diocese.¹⁹

Essas características tornam o GPR uma comunidade que busca por um lado, agregar e aprofundar a formação integral de seus membros, e por outro, resgatar alguns princípios das primeiras comunidades cristãs, como nos pediu o papa Bento XVI duran-

¹⁹ Sobre as dimensões de um grupo de oração, bem como da vivência da espiritualidade pentecostal de um GPR, ver Parte II: 7.2 – Espiritualidade Pentecostal.



te seu pontificado para a vivência pastoral de pequenas comunidades, privilegiando a partilha de vida entre os membros como nas comunidades primitivas do Cristianismo.

5.3. QUAL A PERIODICIDADE DO GPR?

Recomendamos que as reuniões sejam semanais ou que não ultrapassem o intervalo de 15 dias, zelando-se, dessa forma, pela espiritualidade e pelo vínculo comunitário.

5.4. QUAL O NÚMERO DE PARTICIPANTES RECOMENDADO PARA O GPR?

Os GPRs buscam formar comunidades nas quais o convívio seja o mais pessoal possível e em que os membros possam estabelecer relações de convivência amadurecidas pela caminhada perseverante do grupo, gerando uma autêntica identidade comunitária. Para tanto, recomendamos que o grupo seja pequeno, devendo cuidar para que o momento da partilha aconteça efetivamente. Para este momento sugerimos de 8 a 12 pessoas, ou um número suficiente para que todos possam partilhar. (Ver Parte 2 7.1.2 Orientações para a Partilha nº 6.)

Caso o grupo venha crescer muito, deve-se escutar a Deus para discernir se é o momento para começar mais um (outro) GPR na sua diocese. Por isso, é importante cultivar o ardor missionário nos participantes do seu GPR, para que, no momento em que houver a necessidade de formar um novo GPR, os participantes acolham com alegria a possibilidade de ir para uma nova terra em missão.

5.5. QUAL A ESTRUTURA DE UM GPR?

A estruturado GPR foi se consolidando a partir da prática das comunidades que existem. Portanto, a estrutura que apresentamos é uma compilação de vários referenciais de GPRs no país, acreditando que se não for a melhor é ao menos a mais respeitosa forma de gerar unidade estrutural entre os Grupos já existentes e os novos que virão. A preocupação com a coesão no aprofundamento e vivência dos cinco pilares com ênfase na oração, na formação e na partilha, nos leva a orientar que as reuniões do GPR tenham em média duas horas de duração semanais.

As reuniões do GPR, como espaço e tempo de crescimento, são compostas de três momentos:

1. Oração e Espiritualidade Pentecostal: a) Acolhida; b) Oração de Louvor (diversas formas, ex. Louvor individual; “A Boa da Semana” - onde cada membro partilha algo de bom que tenha acontecido durante a semana e todos louvam pela “Boa da Semana” de cada irmão, visando a comunhão através do louvor); c) Efusão no Espírito Santo (lembrando do silêncio orante para emprego dos dons carismá-



ticos)/ d) Anúncio da Palavra de Deus; e) Envio – avisos e síntese da reunião para vivência durante a semana (final do grupo).

2. Formação integral: Espiritual/ Doutrinária/ Humana (Tentando intercalar cada tipo de formação durante o mês).
3. Partilha: conforme orientações dadas na Parte II item 1.1.2
4. Sugerimos que se o GPR possuir alguma ação social se tenha de 10 a 15 minutos durante as reuniões para se tratar da mesma.

Assim sugerimos, como uma estrutura básica, a presença de um coordenador e de pessoas ou equipes que possam dar concretude aos serviços necessários: intercessão, formação, acolhida (pastoreio), projetos sociais, secretaria, etc.

É fundamental que haja uma pessoa, geralmente o coordenador ou alguém orientado por ele, para organizar, orientar e dinamizar a partilha e uma pessoa ou mais para organizar as formações que devem ser planejadas com antecedência (planejamento mensal, semestral ou anual) de acordo com a necessidade da comunidade, observando as sugestões da CNP.

Com relação à espiritualidade, as reuniões de preparação devem ser semanais (caso o GPR seja semanal), sendo definido anteriormente quem conduzirá a oração, podendo ser uma dupla, a qual deverá se reunir para orar e preparar a espiritualidade (condução, dinâmicas, pregação, orientações da partilha a partir da palavra suscitada pelo Espírito Santo).

Em alguns GPRs existem núcleos e as reuniões são organizadas logo após o encontro do GPR ou em outro dia, com escuta da vontade de Deus. Em outros, a reunião de preparação é mensal, onde são definidas as pessoas (geralmente duplas) daquele mês, as quais irão preparar o momento de espiritualidade para o encontro subsequente.

Há GPRs em que não existem núcleos, sendo o próprio grupo a tomar as decisões que direcionam a comunidade, principalmente através da oração de todos e de equipes de serviço (o GPR por ter poucas pessoas é seu próprio núcleo).

É importante que a dinâmica de um GPR seja inclusiva, procurando envolver o maior número dos participantes nas decisões e nas execuções de cada momento, visando sempre à construção a partir da inclusão no “caminhar sempre juntos”.

Enfatizamos que as reuniões devem ser bem preparadas, pois precisamos zelar pelos irmãos que dedicaram seu tempo a estarem conosco na reunião do GPR e pela obra que o Senhor nos confiou, isso mostra a importância do Planejamento Estratégico de cada GPR e da boa preparação de cada reunião, preferencialmente envolvendo a



todos os membros do grupo, visando o comprometimento de todos no crescimento do grupo.

5.6. COMO SE DÁ A COMPOSIÇÃO DA COMISSÃO NACIONAL DE PROFISSIONAIS?

A CNP é composta por um representante nacional - escolhido pela presidência da RCCBrasil, mediante três indicações feitas pela CNP - que irá articular o trabalho nas cinco regiões do país. Além deste, propõe-se que a equipe sempre seja composta de, no mínimo, um membro de cada região (podendo a região com um número mais significativo de GPRs, ter mais de um representante na comissão, a fim de facilitar o trabalho).

Assim, neste contexto, os GPRs e GOTs indicarão, em votação, uma lista tríplice por estado. O representante regional vigente e o antigo representante estadual dos profissionais, juntamente com o coordenador estadual da RCC, escolhem o representante a partir da lista tríplice. Podendo, de acordo com a necessidade, ter também representante diocesano dos profissionais. Os coordenadores dos GPRs dos estados daquela região juntamente com o antigo representante regional dos profissionais escolhem o novo representante da região entre os representantes estaduais dos profissionais, que entrará para a CNP. Tais nomes serão discutidos, rezados e discernidos pela coordenação da CNP junto à presidência Nacional da RCC Brasil.

Para além desses nomes, a comissão deve contar com outros membros que serão definidos pela demanda de serviços da CNP (por exemplo: secretaria, financeiro, intercessão, formação, comunicação-tecnologia da informação, missão e ação social, etc).

Os cônjuges são convidados a participar de todas as atividades da CNP, das representações estaduais, diocesanas e coordenações das comunidades de profissionais, colaborando com os trabalhos dos Profissionais do Reino em toda RCC.

A organização proposta é um ideal de representação dos grupos de profissionais do reino e deverá ser adequada conforme as circunstâncias.



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer, em suma, que o GPR tem como chamado a vivência da experiência mística do Amor de Deus, sendo sal da terra e luz no mundo por meio da atuação profissional. Tem-se, assim, que o grupo é uma experiência para vocacionados, ou seja, para aqueles que se sentem chamados a servir a Deus **por meio de uma vivência profissional cristã**, embasados na espiritualidade proposta pela Renovação Carismática Católica. Enfim, como enfatiza a bela canção que tanta nos inspira: “Em tudo Cristo nos enriqueceu com todos os Seus dons, só nos pede que usemos com amor e em favor do nosso irmão! Que sejamos bons profissionais, sempre dóceis ao Espírito, sem cobiça, mas repletos de amor e de saber!”

O direcionamento para as comunidades de Profissionais do Reino de todo o Brasil deve ainda observar as realidades específicas de cada região onde já existem GPRs, bem como suas múltiplas formas de atuação. Ou seja, em todas estas ‘discussões’ não se pretende ‘fechar’ o assunto, mas apontar um norte em comum, ideal ao qual só chegaremos se formos profissionais dóceis, levados pelo sopro do Espírito Santo.



Parte II

QUESTÕES PRÁTICAS: VIVENCIANDO OS CINCO PILARES NOS GPRS

7. ALGUMAS ORIENTAÇÕES PARA VIVER MELHOR OS CINCO PILARES

7.1. COMUNIDADE ACOLHEDORA E FRATERNA

A palavra comunidade deriva, no contexto bíblico, da própria palavra IGREJA (Eclésia) mencionada pela primeira vez no Evangelho de São Mateus (cap. 18,17). Eclésia significa assembleia, ou seja, reunião de pessoas que formam a comunidade do povo eleito com a qual Jesus inaugurou a Nova Aliança, usando o termo “Igreja” paralelamente à expressão “Reino do Céu”. Ele sublinhou que essa comunidade haveria de começar, já na terra, como uma sociedade organizada. Todos aqueles que Jesus chamou, foram unidos numa nova comunidade. Portanto, há uma tendência inegável nas palavras e nas obras de Cristo que se propõe à formação e ao desenvolvimento desta comunidade. As primeiras comunidades cristãs são sempre referência do ideal de vida comunitária, pois partilhando sua vida em comum (Atos 2,42-47; 4,32-34), formam o “Corpo místico de Cristo” (1 Cor 12, 12ss).

O próprio Jesus tinha sua comunidade com os seus apóstolos. Hoje, Ele mesmo nos chama para essa formação, pois como cristãos, devemos ter o compromisso de uma vida comunitária. A comunidade deve ser lugar de acolhida e partilha, onde revelamos nossos limites e fraquezas, um local no qual podemos ser nós mesmos, somos aceitos, confiamos uns nos outros e realmente nos permita amar.

Quando nos isolamos e ficamos sem comunidade, nos sentimos mais fracos e corremos um grande risco de nos perder.

Completai a minha alegria, permanecendo unidos. Tende um mesmo amor, uma só alma e os mesmos pensamentos. Nada façais por espírito de partido ou vanglória, mas que a humildade vos ensine a conside-



rar os outros superiores a vós mesmos. Cada qual tenha em vista não os seus próprios interesses, e sim os dos outros²⁰

A comunidade é local de união, onde as pessoas cuidam umas das outras sempre com um coração aberto, sem excluir ninguém; comunga-se das mesmas coisas, dos mesmos ideais e deseja-se a realização do outro.

O amor deve sempre prevalecer. Devemos amar a todos e como cada um é, pois, como afirmou o Senhor: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35). É preciso que o Espírito Santo penetre todo o nosso ser e nos ajude a nos amar, a amar a Deus e amar ao próximo como a nós mesmos.

A comunidade também é lugar do perdão: “Suportai-vos uns aos outros e perdoai-vos mutuamente, toda vez que tiverdes queixa contra outrem. Como o Senhor vos perdoou, assim perdoai também vós” (Col. 3,13). Para viver bem, é necessário muito esforço e o perdão mútuo de cada dia.

Cada comunidade “[...] é chamada a descobrir e integrar os talentos escondidos e silenciosos, com os quais o Espírito presenteia os féis” (Doc. de Aparecida, 162). Um de seus papéis é despertar os talentos de cada membro. Devemos, portanto, somar as qualidades e sermos tolerantes com as falhas e limitações do outro para termos um trabalho eficiente.

É necessário avaliar as reuniões - bem como a vida comunitária - para identificar onde é preciso mais esforços, se há uma rotina a ser quebrada e se as ações estão sendo realizadas mecanicamente, ou se realmente deixamos o Espírito Santo de Deus agir plenamente. De vez em quando se deve avaliar em que grau da caminhada se está.

A história de uma comunidade deve sempre ser dita e re dita, inscrita e repetida. Precisamos lembrar sempre o que Deus fez e que Ele está na origem de tudo. Esta história servirá de impulso para os membros da comunidade, ajudando-os a enfrentar novos desafios com coragem e perseverança.

A comunidade precisa ter objetivos claros, a fim de que haja a união entre seus membros e a busca de algo em comum. Deus se revela com profundidade quando tentamos permanecer fiéis ao objetivo de nossa comunidade.

Os grupos de profissionais precisam ser luz; seus membros precisam ter fervor e sentimento de urgência, buscar sem cansar, pois temos muito o que fazer e Deus conta com cada um de nós.

Para as reuniões é importante incentivar os participantes a levarem um caderno onde serão anotadas as moções e as palavras do Senhor para a comunidade, onde será revelada e contada também a sua história.

O seu grupo tem sido espaço de união, de partilha e de fraternidade?

²⁰ Fil., 2, 2-4.



A comunidade zela para que os futuros membros conheçam a própria história?

7.1.1 Viver a acolhida e a fraternidade

“Diante do individualismo, Jesus convoca a viver e a caminhar juntos. A vida cristã só se aprofunda e se desenvolve na comunhão fraterna. Jesus nos disse “[...] um é seu mestre e todos vocês são irmãos” (Mt 23,8). (Doc. de Aparecida, 110) Assim, a comunidade deve ter reconhecido em seus membros o rosto de Deus, por isso ela deve ser acolhedora, fraterna e santa.

A acolhida é um dos primeiros sinais de uma comunidade viva, que continua a viver porque chegam membros novos que se comprometem com ela. Aos poucos esses membros modificarão o caminho da comunidade no seu crescimento e desenvolvimento.

Acolher é abrir a porta do coração. É muito importante acolher bem as pessoas. Todos nós quando somos bem recebidos nos sentimos muito bem e surge a vontade de retornar ao lugar. A pessoa que chega deve ser recebida como **alguém que vai somar forças** pois, como afirma o Doc. de Aparecida (226b), “Nossos fieis procuram comunidades cristãs, onde sejam acolhidos fraternalmente e se sintam valorizados, visíveis e eclesialmente incluídos.”

Quando a comunidade se abre para outras pessoas, ela demonstra que possui um coração aberto. Precisamos acolher quem está chegando como acolheríamos o próprio Jesus; e também acolher os membros da comunidade que necessitam de todo o nosso cuidado e atenção. Só poderemos ter atitudes de acolhimento se experimentamos este acolhimento na nossa comunidade.

Devemos receber bem e ir ao encontro das pessoas com o objetivo de integrá-las na comunidade, por meio de uma vivência de comunhão e participação. Tenhamos postura, estando de pé em sinal de disponibilidade, demonstrando interesse no outro.

Realizar nossas atividades de acolhida com o mesmo amor-doação de Jesus Cristo. “Por isso, acolhei-vos uns aos outros, como Cristo nos acolheu para a glória de Deus” (Rm 15,7). O verdadeiro amor nos une, aproximando-nos uns dos outros e de Deus. Devemos sempre buscar cultivar e restaurar o amor primeiro que nos leva a sentir a comunhão com Deus e com os irmãos. O amor é gratuito, não busca seus próprios interesses. Deve-se cuidar das pessoas do grupo, das suas necessidades.

Na comunidade cristã todos devem ser acolhedores, mas a algumas pessoas cabe coordenar e exercer esse ministério de modo exemplar e significativo. Devem, pois, diagnosticar como está a acolhida do grupo e como os profissionais são ali recebidos. Perguntar aos membros da comunidade o que pode ser aperfeiçoado neste aspecto e aos que estão afastados o que foi que os motivou a deixar a comunidade, pode ser útil para esta percepção. Feito esse diagnóstico, deve-se traçar uma estratégia para uma



ação mais eficaz. O amor e a dedicação dos membros da acolhida são de extrema importância para o crescimento da comunidade.

É imprescindível ter sempre abertura para o novo e ter o coração aberto às inspirações do Espírito Santo. Se Ele nos apontar novos rumos, devemos redefinir nosso agir. Quando somos abertos às renovações, demonstramos que nossa comunidade é guiada pelo Espírito Santo.

Todos os trabalhos da comunidade devem ser permeados pela espiritualidade da acolhida. Disse Jesus: **“Eu era peregrino e me acolhestes”**. É por Ele que acolheremos bem. Dessa forma, faz-se necessário a seguinte reflexão: O seu GPR já tem um acolhimento estruturado? Como está o acolhimento em seu grupo? Temos visto a face de Cristo em nossos irmãos?

Dicas importantes:

- Acolher o novato e, se tiver oportunidade e tempo, explicar sobre o grupo e ouvi-lo. Se ele não conhecer a RCC e os GPRs, apresentá-los, explicando, respondendo a seus questionamentos e encaminhá-lo para encontros da RCC relacionados à espiritualidade carismática;
- Ter um tempo na reunião para que o novato se apresente e o grupo seja apresentado a ele;
- Acolher os que estão em festa ou alegres (casamento, batizados, aniversários, etc.). Comemorar os aniversários do mês e lembrar de cada aniversariante do grupo. Ir às casas, telefonar, encontrar fora do grupo. Se possível, ter alguém responsável no grupo para lembrar o dia do aniversário de cada um;
- Acolher os que estão de luto ou tristes por algum motivo;
- A distribuição de lembrancinhas ou mensagens bíblicas para meditar durante a semana, por exemplo, poderão enriquecer a acolhida;
- Ter uma ficha e pasta para cadastrar o novato;
- Ir às casas uns dos outros, conhecer as famílias, fazendo parte da vida um do outro;
- Ir ao encontro dos que estão afastados;
- Providenciar, se houver necessidade, um local próprio para acolher as crianças, a fim de que os pais possam participar das reuniões. Buscar parceria com o Ministério para Crianças;
- Zelar pelo local das reuniões, criando um ambiente acolhedor;



- Se o grupo se sentir dividido, ou estiver enfrentando algum outro problema, aconselha-se resolver tais questões antes de convidar novas pessoas para participar das reuniões;
- Atentar para não fazer distinção de pessoas por qualquer motivo que seja;
- Cuidar da linguagem corporal no acolhimento é muito importante, pois presta-se mais atenção em como é dito, ou seja, na linguagem corporal do que no que é dito;
- Programar atividades de lazer é muito importante. A comunidade deve oferecer momentos de descontração sempre que possível como, por exemplo, uma tarde ou um retiro que proporcione a interação entre os membros.

7.1.2 Viver a Partilha

A PARTILHA, enquanto dimensão da Comunidade Acolhedora e Fraternal vem trazer crescimento à comunidade e encontra-se como um dos princípios que fundamentam nossa identidade de Grupo de Partilha de Profissionais.

Para se ter “uma só alma, um só coração, um só espírito” é necessário que os membros da comunidade tenham contatos pessoais e se revelem um ao outro, para se conhecerem comunitariamente. Jesus nos disse: “Onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (Mt 18,20). Reunir implica em união, em um encontro.

Quando partilho me encontro com o outro, de modo que alimento minha comunidade. Todo encontro e compartilhar de pessoas é uma troca de dádivas, um presente para a vida, onde narra-se a própria história e escuta-se a do outro, como um ato de amor.

Assim, como as dimensões bíblicas do Dom da Profecia, a partilha também tem semelhante finalidade, pois deve cumprir essa dimensão. E para isso precisa:

- **Edificar:** A minha vida e a do meu irmão, pois partilhamos para o crescimento mútuo;
- **Exortar:** A mim e ao meu próximo. Pode ser que o que eu fale lembre algo que meu irmão viveu e o exorte naturalmente;
- **Consolar:** Quando abro o meu coração ao irmão, o Senhor me consola. Tanto o meu coração quanto ao do meu irmão;

Para refletir: As partilhas em seu GPR têm atingido os objetivos de edificar, exortar e consolar? Ou tem sido mais um momento de compartilhar acertos e problemas, de desabafo e de mesmice?



Orientações para a partilha:

1. Ter um tempo especial e de qualidade. A qualidade do tempo regula a qualidade do escutar e esta afeta diretamente a do partilhar. Estabelecer tempos iguais para partilhar, para que o grupo **não vire grupo de terapia**. Ter como tema da conversa, exclusivamente, a pessoa dos partilhantes; terceiros só entram se afetarem a vida dos participantes.
2. **Escolher um tema para a partilha:** isso faz com que ela seja direcionada e com que conheçamos uns aos outros com profundidade. Se partilharmos somente o que nos aconteceu durante aquele dia ou semana, corre-se o risco de não conhecermos a pessoa como um todo, em todas as áreas de sua vida, caindo na ZONA DE CONFORTO, “terreno infértil” no campo da Partilha. Zonas de conforto são aqueles fatos de nossa vida os quais gostamos de falar sobre, ou os quais falamos sem nenhum constrangimento, sem revelar de fato quem somos, recusando-nos a chegar a algumas áreas da vida na qual nos sentimos mais vulneráveis;
3. Colocar algumas perguntas para direcionar a partilha pode ser eficaz. O coordenador, ou um membro do grupo, pode sempre motivar o tema a ser partilhado (relacionado com a formação, Palavra de Deus, reunião anterior ou temas como família, sexualidade, afetividade, vida financeira, missão...), apresentando preferencialmente perguntas direcionais para conduzir a discussão, visando sempre o crescimento de quem partilha e de toda a comunidade. A exposição de outros assuntos deve ser feita só se for extremamente necessária. As dificuldades partilhadas podem ser cura para o grupo, mas devemos ter o cuidado para não compartilhar apenas problemas;
4. Valorizar, como motivação para a partilha, a Palavra de Deus após uma oração de escuta feita pelo núcleo, coordenador ou quem vai conduzir o momento. A Palavra de Deus colabora para guiar as perguntas da partilha e motivar o tema da reunião;
5. Ter partilhas sobre a vivência profissional é essencial, para que possamos crescer enquanto Profissionais do Reino;
6. Recomenda-se que a reunião tenha 8 a 12 pessoas no máximo, para que todos tenham a oportunidade de falar. Quando o grupo é grande podem-se fazer grupos menores para que todos falem, pois o importante é que todos se expressem. Porém, sabemos que se houver necessidade de dividir grupos, deve-se eleger entre os membros de cada um, uma ou duas pessoas para coordenar (ler as perguntas e as motivações do tema abordado). Exceção deve ser feita para algumas parti-



lhas em que se vê a necessidade de todo o grupo se ouvir, para gerar laços com todos os membros. Nesse caso, não se recomenda a divisão em pequenos grupos. Se o GPR for muito grande e houver a necessidade de se criar outro, deve-se partir da escuta a Deus, a fim de que se entenda se é essa a Sua vontade;

7. Partilhar com outros GPRs, é uma forma de nos fortalecermos e nos levar a engajar mais, pois enxergamos que não estamos sozinhos com nossos sonhos e dificuldades. Programar visitas de partilha sobre a realidade do GPR.
8. Fazer a partilha em **todas as reuniões**, para que o grupo venha a ser realmente uma comunidade;
9. Há segredos que são compartilhados somente com Deus, com o sacerdote ou com um amigo mais íntimo. Dessa forma, alguns fatos devem ser preservados, a não ser que a pessoa tenha, verdadeiramente, o desejo de expor ao grupo;
10. Partilhar fora do grupo também é importante. Ter momentos juntos para se conhecer melhor.

Como falar?

1. Partilhar na primeira pessoa. Quando digo “EU”, não você ou nós, assumo a responsabilidade por minhas ações, pois cada um tem uma reação, minhas reações emocionais e de comportamentos serão determinadas por minhas atitudes ou perspectiva pessoal; falando apenas por mim mesmo;
2. Perguntar-se sempre: Devo partilhar isto? Vai produzir frutos? Vai crescer a comunidade?
3. Partilhar os sentimentos significativos. Nesse caso, eu me auto-revelo ao outro, deixo-me ser conhecido. Importante partilhar sentimentos “positivos” ou “afirmativos”, bem como sentimentos “negativos.” As nossas reações emocionais afirmativas fazem bem ao outro. Todavia, a partilha não deve ser um desabafo onde uso o outro como um depósito para me sentir melhor e nem uma forma de manipular o outro, manobrando-o consciente ou inconscientemente, fazendo-o culpado, responsável pelas minhas emoções ou que o outro me dê a solidariedade que procuro. Mas deve ser uma forma de conhecer o verdadeiro “eu”, um do outro;



4. Ter coragem para partilhar nossa vulnerabilidade pessoal. Quando partilho minhas fraquezas e dificuldades e peço ajuda e oração, descobre-se que **precisamos uns dos outros** para sermos fieis e exercer nossos dons. O fato de me revelar verdadeiramente vai encorajar o irmão a fazer o mesmo;
5. Ir para além de nossas zonas de conforto: Necessitamos entrar em novas áreas, expandir-se um pouco todo dia para facilitar a nossa comunicação;
6. Demonstrar gratidão para com quem nos ouve.

Como escutar o outro?

1. Guardar SIGILO do que foi partilhado: tudo o que o irmão falou deve ser guardado em nosso coração e no coração de Deus;
2. Estar totalmente presente para escutar o irmão com muita atenção. Prestar atenção no que ele fala e também nos sinais não verbais;
3. Aceitar o outro como ele é. Não julgar as intenções e os motivos do outro;
4. Não interromper a partilha do outro. Se não entender escute primeiro, depois pergunte o que não compreendeu. Não fazer um complemento da partilha do outro. Pode oferecer sugestões se a pessoa que estiver partilhando solicitar, mas não dizer o que fazer;
5. Agradecer também quem se revela a nós pela partilha, pois estamos recebendo o outro na partilha, alguém que confia em nós;
6. Incentivar, ao final da partilha, seguindo a moção do momento, que uns orem pelos outros e assim deixar que o Espírito Santo fale por meio do uso dos carismas a cada um o que é necessário.

7.2. ESPIRITUALIDADE PENTECOSTAL

Como Profissionais do Reino de Deus, devemos ter convicção que todo o ser humano tem necessidade de Deus, e não encontrará descanso enquanto não repousar em seu Criador, Como diz Santo Agostinho: “Fizeste-nos Senhor para Vós e nosso coração está inquieto, enquanto não repousar em Vós Senhor... enquanto não repousar em



Vós.”²¹. A espiritualidade cristã nos possibilita esse repouso de nosso coração no Senhor, por meio de vários caminhos espirituais. É importante reforçar que o caminho mais curto para Deus é o nosso interior, o nosso próprio coração. Deus escolheu nosso coração como lugar privilegiado para o encontro com Ele. Portanto, a espiritualidade cristã, já aponta o nosso itinerário espiritual: “o caminho da interioridade” para o repouso em Deus. Muitos de nós buscamos caminhos exteriores ao coração humano para suprir a necessidade que temos de Deus, mas temos um Deus que veio ao nosso encontro e se fez um conosco: “o Reino do Céu já está no meio de vós” (Mt 18, 17).

Olhar para o nosso coração é a primeira dimensão que a espiritualidade cristã nos convida a fazer para perceber que o Reino de Deus já está dentro de cada ser humano. Levar todo ser humano a descobrir e fazer a mesma experiência de Deus Emanuel (Deus comigo, ou que Caminha conosco) em sua vida cotidiana, seja na dimensão pessoal, comunitária e social, é o grande desafio e caminho para todos os cristãos batizados.

Na Igreja, temos várias formas de expressar a espiritualidade cristã e que cumprem, cada uma a seu modo, certa missão. Por exemplo: a espiritualidade franciscana, dominicana, agostiniana, beneditina, redentorista, marista, salesiana, capuccina, vicentina, claretiana, etc., são exemplos dessas várias espiritualidades que têm a missão de evangelizar o mundo.

A Renovação Carismática Católica é uma forma da Igreja manifestar, profeticamente, ao mundo a espiritualidade pentecostal por meio de sua identidade carismática. Aqui faremos uma breve reflexão sobre a espiritualidade pentecostal como forma de contribuir com a missão da RCC e da Igreja, na construção da Civilização do Amor. A efetivação de uma cultura de pentecostes é um desafio para todos os homens e mulheres que querem viver e fazer do mundo um lugar melhor. Conhecer, experimentar e viver Pentecostes é a mais eficaz forma de construirmos esse novo mundo. Então, vamos conhecê-la.

Nossa espiritualidade baseia-se segundo os princípios cristãos testemunhados pela ação do Espírito Santo de Deus na história da humanidade e do cristianismo. Primeiramente devemos procurar responder ao chamado do Cristo quando nos fala “não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito” (Rom 2, 2). Ou seja, a transformação do mundo na tão esperada Civilização do Amor, passa pela experiência pessoal da renovação do espírito, que também nos leva a ações transformadoras.

Mas como fazer essa experiência? Jesus nos dá a resposta, quando institui a primeira comunidade cristã, mostrando a toda a humanidade que o caminho a percorrer para a transformação do mundo é o mesmo da primeira comunidade cristã: “ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem aí o cumprimento da promessa de seu Pai, ‘que ouvistes, disse ele, da minha boca; porque João batizou na

21 CONFISSÕES, Livro Primeiro. 7 ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1958. p. 27.



água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo daqui a poucos dias.”(Atos 1, 4). O salvador ainda nos faz a seguinte promessa: “mas descerá sobre vós o Espírito Santo e vos dará força; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins do mundo.” (Atos 1,8). Temos vivenciado tal promessa, que também é cumprimento da palavra que está em Lucas 11, 9-13:

E eu vos digo: pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo aquele que pede, recebe; aquele que procura, acha; e ao que bater, se lhe abrirá. Se um filho pedir um pão, qual o pai entre vós que lhe dará uma pedra? Se ele pedir um peixe, acaso lhe dará uma serpente? Ou se lhe pedir um ovo, dar-lhe-á porventura um escorpião?¹³ Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai celestial dará o Espírito Santo aos que lho pedirem. Todo aquele que pedir receberá o Espírito Santo.

Os Profissionais do Reino de Deus e suas respectivas comunidades do mundo atual devem ser as testemunhas de Cristo nesses ‘**confins do mundo**’, que é o mundo onde estão inseridos e que deve ser transformado segundo a renovação no Espírito. E os primeiros Profissionais do Reino a serem testemunhas de Cristo foram os da comunidade de Jerusalém. Para aprendermos com a renovação espiritual da primeira comunidade cristã, devemos dirigir nosso olhar e nosso coração para o processo daquela experiência de Pentecostes.

Chegando o dia de Pentecostes estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. Apareceu-lhes então uma espécie de línguas de fogo que se repartiram e repousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem²².

Nas comunidades de Profissionais do Reino, temos a necessidade de buscarmos o crescimento por meio da vida de oração pessoal e comunitária. Cada comunidade deve aprofundar na formação do ministério de intercessão para que a espiritualidade de cada membro e de todo o grupo cresça sempre mais em unidade com a Igreja e todos os homens e mulheres de boa fé que contribuem para a construção da Civilização do Amor.

A intercessão sempre será uma forma frutífera para o amadurecimento espiritual de cada membro (através da intercessão individual) e comunitária (quando se intercede por todas as ações que o grupo irá desenvolver), portanto, orientamos que todos os GPP's formem seus respectivos membros sobre a dimensão da intercessão.

²² Atos 2, 1-4.



7.2.1 Primeira dimensão da Espiritualidade Pentecostal: o espírito (consciência) comunitário.

Percebemos nos detalhes da experiência de pentecostes a necessidade de “**caminhar juntos**”, viver em comunidade, ser comunidade, “**Chegando o dia de Pentecostes estavam todos reunidos no mesmo lugar.**” Esta é uma parte forte da espiritualidade pentecostal. Jesus escolheu a Igreja (Eclesia: assembleia, comunidade) como forma de participarmos do plano de salvação do povo de Deus. É importante lembrarmos que para ser apóstolo era necessário ser testemunha da ressurreição de Jesus, porém alguns discípulos (Tomé, e os discípulos de Emaús) que se afastaram da comunidade de Jerusalém, só se tornaram testemunhas da ressurreição depois que voltaram a “caminhar juntos” com a comunidade.

Portanto, ter consciência comunitária é princípio de uma Espiritualidade Pentecostal. Temos, como sugestão prática, o estudo e a vivência do primeiro Pilar: **Comunidade Acolhedora e Fraternal**, como forma de aprofundar essa primeira dimensão da Espiritualidade Pentecostal. Como eixo norteador para uma auto-avaliação, sugere-se fazer as seguintes indagações e reflexões:

- Tenho consciência da necessidade de estar e ser comunidade, como parte de minha espiritualidade?
- Como tenho contribuído para “alimentar” (oração, serviço - engajamento em alguma equipe, coordenação, etc.) essa dimensão em minha vida e na vida dos meus irmãos?

Como está a intercessão de meu GPR? Individualmente tenho me comprometido como intercessor por meus irmãos de caminhada, pelo meu local de trabalho e pela sociedade?

Qual a minha e a nossa (enquanto grupo) motivação para “caminhar juntos” em comunidade? Obediência a Cristo; afinidade com as pessoas; vida social, projetos, direcionamentos, transformação da sociedade pelo Espírito Santo?

7.2.2 Segunda dimensão da Espiritualidade Pentecostal: o dom da Perseverança

“Todos eles (discípulos) perseveravam unanimemente na oração, juntamente com as mulheres, entre elas Maria, mãe de Jesus, e os seus irmãos... Chegando o dia de Pentecostes... Ficaram todos cheios do Espírito Santo” (At 2).

Dentro da Espiritualidade Pentecostal, a perseverança se destaca na renovação espiritual dos Profissionais do Reino, pois a própria natureza do ser profissional exige a prática da dimensão da perseverança. Percebemos, na leitura dos Atos dos Apóstolos, que até que se cumprisse a promessa de Jesus: o derramamento do Espírito Santo no dia



de Pentecostes, os discípulos, as mulheres, Maria, os parentes de Jesus, **Perseveravam esperando sua completa** realização. Essa perseverança assume, na oração, características específicas:

*a) Oração como **preparação** para que se realizem as promessas de Deus:*

Jesus ‘treinando’ a perseverança nos seus discípulos para receberem o que Ele prometera, permite a espera de nove dias para a realização da Sua promessa. Surge assim, a primeira “novenas” da história da Igreja. Nove dias de oração, como treinamento para aprendermos a perseverar. A espiritualidade pentecostal exige a dimensão da oração como preparação para a realização das promessas de Deus para nossas vidas. Na vida profissional, sabemos o quanto a perseverança é uma virtude para crescermos profissionalmente. Se queremos ser promovidos, necessitamos perseverar na qualificação profissional. Se queremos um cargo público, necessitamos perseverar na preparação para passar no concurso. Assim, como Profissional do Reino de Deus, devemos nos preparar por meio da oração para a realização das promessas de Deus para nossa vida tanto pessoal, quanto comunitária.

Como eixo norteador para uma auto-avaliação, sugere-se fazer as seguintes indagações e reflexões:

- Tenho orado como preparação para a realização das promessas de Deus para minha vida?
- Como tenho orado? Novenas; Rosário; Eucaristia; Adoração; Contemplação; *Lectio Divina* – leitura orante da Palavra de Deus; leitura da vida e obras dos santos? Louvo, peço uma nova efusão do Espírito Santo? Intercedo?
- Como posso melhorar a comunidade na preparação para realização das promessas de Deus?

*b) Oração como **perseverança** pessoal:*

O versículo 13 de Atos capítulo 1, cita nominalmente a presença de cada um dos discípulos, bem como da mãe de Jesus, Maria. Percebemos a preocupação do autor de Atos, em evidenciar a importância de cada pessoa que perseverava em oração. Somos chamados a transformar o mundo, e essa transformação começa no coração de cada pessoa “[...] **mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito**” (Rm 12, 2). **Uma consciência social exige um compromisso pessoal.**

A Espiritualidade Pentecostal alimenta-se de uma vida de oração pessoal diária “Unidos de coração frequentavam todos os dias o templo” (Atos 2, 46). Sabemos que o templo de nossa interioridade é o lugar privilegiado de encontro com Deus. Portanto, nossa oração pessoal, deve estar ligada ao encontro pessoal com o Senhor que nos garante “**o Reino do céu já está no meio de vós**”. Já está dentro do coração humano. Necessi-



tamos da oração diária, perseverante para converter nosso coração ao coração de Jesus, que nos deu a participar de Seu Reino. Santo Agostinho nos exorta: “Dize-me como rezas e te direi como vives, dize-me como vives e te direi como rezas, dize-me quanto rezas e te direi qual é a seriedade e a profundidade de tua vida.”. A oração pessoal e perseverante é fruto de uma espiritualidade pentecostal, que com o poder do Espírito Santo enche o coração do homem da força do alto. Afinal, só podemos dar aquilo que possuímos. Lembremos que para o Profissional do Reino o trabalho também tem uma dimensão sagrada, que nossas ações, nosso local de trabalho também serão o “nosso altar”, local de oração e de transformação pessoal, comunitária, social.

Como eixo norteador para uma auto-avaliação, sugere-se fazer as seguintes indagações e reflexões:

- Qual avaliação faço de minha vida de oração pessoal?
- O que posso fazer para melhorar?

c) *Oração como perseverança comunitária:*

“Chegando o dia de Pentecostes estavam todos reunidos no mesmo lugar.
[...] Ficaram todos cheios do Espírito Santo [...]” (Atos 2, 1;4a).

Todos nós devemos pedir essa graça que a primeira comunidade recebeu. A graça do “Batismo no Espírito Santo”, todos ficaram cheios do Espírito Santo. Já sabemos da importância da oração pessoal, como forma de partilharmos dos Dons que o Espírito dá a quem pede. Mas o que o Profissional do Reino precisa tomar posse, como uma dimensão da Espiritualidade Pentecostal, é que a experiência do Batismo não foi uma exclusividade somente da primeira comunidade cristã, mas que essa experiência determinou o rumo da história de homens e mulheres que de certa forma contribuíram para a mudança da história de suas comunidades e até mesmo em alguns casos influenciaram a história da humanidade.

Observamos o mesmo sopro do Espírito durante os vários concílios da história da Igreja, de modo especial o Concílio Vaticano II chama nossa atenção para seu aspecto profético em relação ao desejo de uma RENOVAÇÃO da Igreja, enquanto instituição servidora da humanidade. O surgimento da Renovação Carismática Católica (RCC), após o concílio Vaticano II, também confirma a providência de Deus em continuar derramando um Novo Pentecostes, durante toda a história até os nossos dias. Através dos Grupos de Oração Carismáticos, a RCC encontrou uma dimensão privilegiada para experimentar o Batismo no Espírito Santo.

Tal experiência é a porta de entrada para os Dons e Carismas do Espírito Santo. É a força que produzirá os frutos do mesmo Espírito na vida de cada membro da comunidade e em toda a comunidade, que a partir do seu compromisso na construção do Reino de Deus é que teremos a transformação do mundo. Uma comunidade de Profissionais



do Reino deve possibilitar que os membros do grupo (comunidade) tenham uma experiência carismática de oração (acolhida, louvor, anúncio da Palavra, Batismo no Espírito Santo e envio).

Avalie se o seu grupo já possui a seguinte estrutura (além das que caracterizam um GPR com seus cinco pilares) para vivência da espiritualidade pentecostal: **a acolhida fraterna, a oração do louvor (diversas formas), a oração do perdão dos pecados ou reconciliação com Deus e com o próximo, o anúncio da Palavra de Deus** (pregação, ensino, ou mesmo outras formas que aprofundem a vivência orante da Palavra de Deus – “*Lectio Divina*” – leitura orante da Palavra de Deus e outras), **a Efusão no Espírito Santo, o silêncio orante para emprego (manifestação) dos Dons Carismáticos** (I Cor 12-14), momento para cada membro registrar (escrever) em sua agenda espiritual o que Deus lhe falou durante os momentos anteriores. Ter também, espaço para **partilha da experiência** que os membros tiveram de todo o momento de oração, **envio** pela ordenação do grupo (comunidade) para que todos os membros possam viver durante todos os dias até a próxima reunião, um Pentecostes diário em suas respectivas vidas.

Como eixo norteador para uma auto-avaliação, perguntem-se:

- Nossa comunidade tem “abastecido” seus membros com a Espiritualidade Pentecostal, conforme orienta a RCC?
- O que tenho feito para que a experiência aconteça em minha comunidade?
- Como tem sido o local onde realizamos nossas reuniões?
- Como temos administrado (dividido) o tempo em nossas reuniões para que a Espiritualidade Pentecostal seja experimentada em nossa comunidade?

7.2.3 Terceira dimensão da Espiritualidade Pentecostal: o compromisso com o Reino de Deus

“Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.” (Atos 2,4)

A sequência de Pentecostes (Atos 2, 5-41) é que várias pessoas começaram a compreender a oração e pregação (anúncio do Reino de Deus) que os discípulos falavam quando receberam o Batismo no Espírito Santo. A Espiritualidade Pentecostal, também capacita-nos a **‘falarmos em outras línguas conforme o Espírito Santo conceda’**. Assim, também nós, quando nos alimentamos todos os dias com o Batismo no Espírito Santo, somos impelidos pelo Espírito a anunciarmos o Evangelho “na língua materna” (com empatia) de cada pessoa que o Senhor nos confiar, durante nossa caminhada na Construção do Reino de Deus.

Nosso compromisso torna-se, então, como toda a missão que o Senhor nos confia, a Espiritualidade Pentecostal dilata as fronteiras dos laços afetivos e do espaço geográfico em que o Profissional está inserido, projetando-o para a cidadania do Reino de Deus,



para ser uma testemunha nos **‘confins do mundo’**. Nossa vocação como leigos é que estejamos inseridos e a serviço da humanidade no mundo, transformando-a, renovando-a sempre, pelo poder do Espírito Santo. “O que a alma é no corpo seja o Profissional do Reino no mundo”, nossa alma é missionária, e “nosso coração está inquieto enquanto não repousar em vós Senhor”.

Como eixo norteador para uma auto-avaliação, perguntem-se:

- O compromisso que tenho como Profissional do Reino é com a obra, com a missão, com o serviço, com o Reino de Deus e com o Senhor da messe; ou com as pessoas, lugares e cargos que a missão me proporciona?
- Como a Espiritualidade Pentecostal capacita-me para ser testemunha de Cristo onde estou inserido?
- Tenho feito Experiências de Oração para Profissionais para que eles experimentem e vivam o querigma?

7.3 FORMAÇÃO INTEGRAL

Antes de tudo, é importante destacar que nossa busca pelo conhecimento das coisas do alto nasce da experiência querigmática da graça de Deus, ou seja, de uma vivência real e profunda de nossa dimensão espiritual, como mencionado anteriormente.

Assim, após uma experiência particular e íntima de se sentir amado profundamente por Deus, acolhido por Ele mesmo em meio aos inúmeros pecados, e de reconhecer a Jesus como Senhor de nossa vida e história, o próprio Espírito Santo suscita um desejo aprofundado de conhecimento da verdade.

Passos iniciais

Em Aparecida (Doc. de Aparecida 278 a) vemos que “o querigma não é somente uma etapa, mas o fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo de Jesus Cristo. Sem o querigma, os demais aspectos deste processo de busca estão condenados à esterilidade, sem corações verdadeiramente convertidos ao Senhor”. Nos salmos percebemos que nossa alma é sedenta de Deus: “Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo. Quando voltarei a ver a face de Deus?” (Sl 42/41, 3) e ainda “Ó Deus, Tu És meu Deus e te procuro. Minha alma tem sede de ti, minha carne te deseja com ardor, como terra árida, esgotada, sem água” (Sl 63/62, 2).

Cabe, então, aos nossos grupos, contribuir no processo de conhecimento da verdade dos irmãos que nos são apresentados para cuidar. A formação tem um papel estratégico nesse sentido e deve ser conduzida de modo a não deixá-los sujeitos à esterilidade e para que seus corações sejam verdadeiramente convertidos ao Senhor. Cristo mesmo nos diz: “Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus



discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”(Jo 8, 32). E é o próprio Espírito Santo que move o nosso coração a nos aprofundar no conhecimento da verdade, a buscar saciar nossa alma da sede do Deus vivo. São movidas pelo Espírito que as pessoas perseveram em suas comunidades, ansiosas de conhecer a Deus de forma mais profunda. Assim, nossas comunidades não podem se eximir da missão de serem instrumentos para que os irmãos cheguem ao conhecimento da verdade. É missão dos grupos de profissionais estimular e facilitar tal conhecimento, pois “a pessoa amadurece constantemente no conhecimento, amor e seguimento de Jesus Mestre, aprofunda no mistério de sua pessoa, de seu exemplo e de sua doutrina”. (DA, 278c). Rememorando ainda o venerável Papa João Paulo II, na apresentação de sua encíclica *Fides et Ratio* (fé e razão): “A fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio (cf. Ex 33, 18; Sal 27/26, 8-9; 63/62, 2-3; Jo 14, 8; 1 Jo 3, 2)”.

Dimensões

Os nossos GPRs são chamados a serem locais onde a formação é integral, ou seja, espiritual, doutrinária e humana. Além disso, a formação deve ser vivencial, permanente e planejada. Nossos grupos não podem contentar-se em fazer vez ou outra uma formação, pois somos chamados a mergulhar no conhecimento. Por isso, é preciso que sejamos coerentes, fé e vida, uma formação vivencial chamada a se tornar prática cotidiana em nossas famílias e em nosso local de trabalho. Permanente, porque não podemos parar no meio do caminho, temos que nos aprofundar cada vez mais, pois temos um mundo ávido por esperança que necessita de respostas e também de quem formule novas perguntas e uma formação planejada. O planejamento é etapa fundamental onde se estrutura os objetivos, as metas, as estratégias, as atividades, etc. Sem ele poderemos ter muitos esforços e poucos resultados. Estudar para bem planejar é uma das etapas essenciais na formação do GPR. (ver texto base 4.3).

O Documento de Aparecida no parágrafo 280 esmiúça as dimensões da formação:

- a.** A Dimensão Humana e Comunitária. Tende a acompanhar processos de formação que levam a pessoa a assumir a própria história e a curá-la, com o objetivo de se tornar capaz de viver como cristão em um mundo plural, com equilíbrio, fortaleza, serenidade e liberdade interior. Trata-se de desenvolver personalidades que amadureçam em contato com a realidade e abertas ao Mistério.
- b.** A Dimensão Espiritual: É a dimensão formativa que funda o ser cristão na experiência de Deus manifestado em Jesus e que o conduz pelo Espírito através dos caminhos de um amadurecimento profundo. Por meio dos diversos carismas a pessoa se fundamenta no caminho da vida e do serviço proposto por Cristo, com



um estilo pessoal. Assim como a Virgem Maria, essa dimensão permite ao cristão aderir de coração e pela fé aos caminhos alegres, luminosos, dolorosos e gloriosos de seu Mestre e Senhor.

c. A Dimensão Intelectual: O encontro com Cristo, Palavra feita carne, potencializa o dinamismo da razão que procura o significado da realidade e se abre para o Mistério. Ela se expressa em uma reflexão séria, feita diariamente no estudo que abre, com a luz da fé, a inteligência à verdade. Também capacita para o discernimento, o juízo crítico e o diálogo sobre a realidade e a cultura. Assegura de uma maneira especial o conhecimento bíblico-teológico e das ciências humanas para adquirir a necessária competência em vista dos serviços eclesiais que se requeira e para a adequada presença na vida secular.

d. A dimensão Pastoral e Missionária: Um autêntico caminho cristão preenche de alegria e esperança o coração e leva o cristão a anunciar a Cristo de maneira constante em sua vida e em seu ambiente. Projeta para a missão de formar discípulos missionários para o serviço do mundo. Habilita a propor projetos e estilos de vida cristã atraentes, com intervenções orgânicas e de colaboração fraterna com todos os membros da comunidade. Contribui para integrar evangelização e pedagogia, comunicando vida e oferecendo itinerários de acordo com a maturidade cristã, a idade e outras condições próprias das pessoas ou dos grupos. Incentiva a responsabilidade dos leigos no mundo para construir o Reino de Deus. Desperta uma inquietude constante pelos distanciados e pelos que ignoram o Senhor em suas vidas.

CONTEÚDO

Formação Cristã

Muitos meios podem ser empregados em nossos grupos para que a formação seja trabalhada de forma ampla e dinâmica. Dentre eles, a Palavra de Deus, a qual não pode ser deixada de lado. “Desde a infância conheces as Sagradas Escrituras e sabes que elas têm o condão de te proporcionar a sabedoria que conduz à salvação, pela fé em Jesus Cristo. Toda a Escritura é inspirada por Deus, é útil para ensinar, para repreender, para corrigir e para formar na justiça. Por ela, o homem de Deus se torna perfeito, capacitado para toda boa obra” (II Tim 3, 15-17).

Temos também o Magistério da Igreja. Quanta sabedoria encontramos nos escritos dos santos, no Catecismo da Igreja Católica, nos documentos papais. Toda a doutrina de fé foi construída e revelada por Deus ao longo de séculos à nossa Igreja. O Papa é a verdadeira figura de Deus aqui na terra e os seus documentos muito acrescentam em nossa formação. Devemos ainda observar a Sagrada Tradição, pois “por meio da Tradi-



ção, a Igreja em sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que ela é, tudo o que crê”. (CIC, 78).

A própria partilha nos grupos profissionais contribui de forma significativa para nosso aprofundamento e formação. O GPR deve ser, ainda, um espaço catequético, especialmente no que tange os membros recém integrados que não têm o conhecimento; sem esquecer dos demais, uma vez que a riqueza e densidade do ensino permite retirar coisas novas e velhas (Mt, 13, 52). Atenção especial deve ser dada aos módulos de formação da RCC - quer módulo básico, quer de serviço - de forma a enraizar o pilar da espiritualidade, bem como permanecer em unidade com o direcionamento da Renovação Carismática Católica.

Dica importante:

Em relação às formações da RCC, uma questão prática para as lideranças e coordenações de GPRs é fornecer aos participantes do grupo os dias e horários das formações da RCC (Escola Permanente de Formação - EPF) ou formações específicas – pregação, oração por cura e libertação, música, formação humana etc.) e encaminhá-los. Com a participação dos profissionais nas formações da RCC, certamente se entenderá melhor o que se vive como RCC que somos. Pode-se ainda colaborar com essas formações a partir da nossa experiência e de nossos conhecimentos. Essas formações também são oportunidades para termos uma visão mais ampliada e madura de nossa realidade ao convivermos com as lideranças dos GOs e ainda um campo de Missão quando temos a oportunidade de partilhar com as lideranças da RCC nosso chamado específico como GPR.

Formação Humana

Os aspectos intrínsecos da existência, relacionamentos e comportamentos devem ser trabalhados de modo especial. Além de vários livros que abordam a formação humana, temos também um módulo de formação humana da RCC, cuja utilização é desejável²³.

Conhecimentos Gerais

A Igreja nunca desprezou a ciência e, dessa forma, podemos agregar de forma positiva conhecimentos adquiridos pela psicologia, antropologia, filosofia, cursos da área de saúde, a própria economia como forma de entender os fenômenos sociais da pobreza e nos mover como cristãos a contribuir para a solução desse problema, entre as mais diversas áreas.

23 Pode ser adquirido através do site: <http://www.rccshop.com.br/produtos/apostilas/modulo-basico.php>



Outros meios de formação podem e devem ser empregados nos nossos grupos de profissionais:

a. Estudo de documentos da Igreja e de outros livros:

A Igreja é fonte de fé, porém encontramos em outros livros, não necessariamente religiosos, verdadeiras contribuições para nossa formação integral, sobretudo na área humana.

b. Palestras e mesas temáticas:

Nossos grupos podem aprofundar em discussões, nas diversas áreas citadas no item anterior, através dessa metodologia, podendo tornar esse momento extensivo à comunidade eclesial, bem como à sociedade em geral.

c. Cafés filosóficos:

Em um espaço descontraído, o grupo partilharia sobre um tema definido pelos participantes, cada um pode se preparar coletando informações que julgarem interessantes em livros ou outros materiais, e também de forma descontraída discutir sobre o tema. Esse momento também pode ser extensivo à comunidade.

d. Atividades culturais:

Uma forma diferente de trabalhar a formação e ao mesmo tempo aprofundar o vínculo comunitário acontece quando nos reunimos para assistir a documentários, filmes no próprio grupo, nas casas dos membros da comunidade, nos cinemas, mostras e feiras de cinema e teatro, etc; quando nos reunimos para apreciar um sarau literário ou um festival de canções, ou mesmo uma ópera; apresentações de companhias de dança; exposições de artes, mostras culturais, científicas e tecnológicas, etc. Enfim, estabelecer uma agenda de formação cultural, individual e comunitária, para que possa ser partilhado visando o crescimento mútuo. Tão importante para a formação humana na dimensão cultural é a própria participação ou engajamento em uma área da cultura. Exemplo: fazer parte de um grupo de teatro, de um núcleo de dança, curso de pintura, coral, orquestra, etc.

e. Atividades físicas e cuidado com o corpo:

A prática de alguma atividade esportiva para o cuidado com o corpo, deve ter atenção de todos os membros da comunidade. O acompanhamento médico para indicação de alguma atividade física torna-se necessário para todos os iniciantes de alguma modalidade esportiva. Mas o importante é que os membros do grupo motivem a prática de algum esporte como parte da formação integral de seus membros.



Uma boa alimentação, cuidado com o sono, com a postura do corpo, cuidado com voz, visita regular ao médico, também fazem parte da formação humana de todo Profissional do Reino.

f. Criatividade:

Não devemos desprezar a criatividade, pois o Espírito Santo é dinâmico e nos inspira. Os meios são diversos. Cabe a cada comunidade, em sua realidade específica, discernir o conteúdo e o meio mais adequado para trabalhá-lo de acordo com as suas necessidades específicas. As necessidades são percebidas principalmente pela partilha e o próprio Espírito Santo nos inspira os pontos que necessitam ser trabalhados em nossas comunidades. Atividades criativas como GPR Sertanejo, GPR Ecológico, dentre outras que já foram feitas.

Planejando a Formação

Antes de tudo, é necessário que cada GPR tenha uma pessoa, ou mais, responsável pela formação do grupo. Essa pode montar um **Plano de formação** que contemple as sugestões de conteúdo feitas pela comunidade em unidade com a CNP, a RCC e a IGREJA.

É importante que os conteúdos sejam discutidos, refletidos e meditados de acordo com o contexto que sabemos sempre singular de cada um dos GPRs. Deve-se evitar, assim, que a formação aconteça nos moldes de uma aula tradicional na qual alguém, do alto de sua cátedra, ministre lições a uma classe passiva e descomprometida com o debate ou na forma de “pregação”.

Ainda que seja necessária uma pessoa em especial para moderar as discussões, estimulamos os participantes de nossas comunidades que os momentos de formação ocorram, preferencialmente, na forma de **um grupo de estudo**. Mesmo que seus membros possuam diferentes níveis de sistematização dos conteúdos que compõem os diversos temas apresentados, a experiência pessoal e as leituras anteriores que cada um dos participantes possui devem ser valorizadas.

Ex.: Meu GPR se reúne semanalmente. Como poderíamos organizar nossa formação?

R: É necessário que as formações aconteçam em todas as reuniões do GPR (tentar durante o mês ter formação espiritual, doutrinária e humana). Os pilares de Espiritualidade e Formação podem ser vividos concomitantemente, lembrando de ter partilha em todas as reuniões.

Pré-requisitos:

É imprescindível que o responsável pela formação tenha feito uma preparação para tal. Ele precisa ter bem claro para si o conteúdo, e também estar em oração por si e pelos que participarão. É interessante que a responsabilidade pela condução da atividade



de de formação seja alternada entre as pessoas que compõem o grupo (visando o crescimento dos membros) e que, ocasionalmente, sejam convidadas pessoas de fora (essas devem ser contextualizadas da realidade vivida pelo GPR). Trata-se de uma forma de construir pontes e de levar pessoas bem preparadas para trabalhar os temas propostos.

É necessário, enfim, que haja um “clima favorável” para o estudo, tais como, a título de contribuição, propomos a seguir:

- Que os textos sejam disponibilizados com a devida antecedência e os participantes estimulados a lê-los previamente;
- Preparar espaços e tempos de qualidade para o estudo;
- Divulgar bibliografia a respeito do tema, incentivando a “troca” de referências e materiais (livros, artigos, vídeos etc.) entre os participantes do estudo visando seu aprofundamento;
- Reservar espaços apropriados para questionamentos: “cultivar a dúvida” e propiciar um saudável ambiente de debate;
- O estudo pode “continuar” em nossas listas de e-mails, podendo ser disponibilizados outros textos afins considerados relevantes;
- Procurar, sempre que possível, remeter os leitores aos textos das Sagradas Escrituras como oportunidade de estudo da própria palavra;
- Desenvolver o hábito do estudo e da reflexão é tão importante quanto o estudo do tema em si.

Citando mais uma vez o Documento de Aparecida (n. 283), finalizamos este tópico:

Destacamos que a formação dos leigos e leigas deve contribuir, antes de mais nada, para sua atuação como discípulos missionários no mundo, na perspectiva do diálogo e da transformação da sociedade. É urgente uma formação específica para que possam ter uma incidência significativa nos diferentes campos, sobretudo, no mundo vasto da política, da realidade social e da economia, como também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos meios de comunicação e de outras realidades abertas à evangelização.

Para refletir: O seu GPR tem dado prioridade, planejado e aprofundado as formações? Tem conseguido manter um equilíbrio entre as diferentes dimensões da formação que são necessárias para forjar um Profissional do Reino? Tem elaborado um planejamento estratégico e realizado avaliações periódicas?

É importante estar atento ao planejamento estratégico da RCC nacional, estadual e diocesano; além das orientações da CNP para o ano, antes de montar uma proposta de formação para o seu GPR.



A CNP solicita que os GPRs enviem seus planejamentos anuais para a Comissão pelo e-mail: profissionaldoreino@gmail.com. Essa ação é essencial para nossos trabalhos ao longo do ano, principalmente de pastoreio junto aos GPRs.

A CNP disponibiliza alguns módulos de formação durante o ano. O GPR precisa ser um grupo que forma líderes capazes de ser protagonista de uma nova Civilização através da Cultura de Pentecostes.

7.4. DIÁLOGO

Após o Concílio Vaticano II, a Igreja se coloca como servidora da humanidade, portanto o diálogo com o mundo moderno tornou-se uma dimensão prioritária na Igreja após o Concílio. O papel do leigo, nesse diálogo com o mundo moderno, ganha relevância também pós Vaticano II. Os Profissionais do Reino tornam-se assim uma resposta profética às decisões do Concílio, quando se colocam, individualmente e comunitariamente, como profissionais que colaboram na construção da Civilização do Amor.

Atendendo ao chamado do papa, tentamos vivenciar tal desafio, o que deve ser vivido com mais intensidade na vida profissional e no trabalho de evangelização.

Como ensina Rafael Pascual, “é necessário superar os lugares-comuns, e que agora é o momento de restabelecer o diálogo desejado pela Encíclica «Fides et ratio» entre o mundo da razão e o da fé. Assim como a Igreja não tem medo da ciência e de seus desenvolvimentos, tampouco a ciência deve ter medo da Igreja.”

O diálogo constitui-se de uma reflexão conjunta, cooperatividade de experiências, de ideias, de vida. Trata-se de uma melhora na comunicação entre pessoas, comunidades e grupos, que permite despertar para o diferente, aliar-se ao que é comum, permitindo que as pessoas pensem juntas, o que fatalmente eclodirá numa produção de ideias e ações novas.

O citado teólogo Rafael Pascual nos alerta que “O diálogo não quer dizer «absorção», mas respeito recíproco à diversidade. Já no Concílio Vaticano I se falou de duas ordens de conhecimento: a da razão e a da fé, as quais são distintas, mas como bem recorda a Encíclica «Fides et ratio», não estão «separadas», pelo que o diálogo é possível. Há muitos pontos de encontro e questões de limite. Nenhum deles pode pretender explicar tudo, cada um dos dois tem algo específico a dizer sobre o mundo, sobre o homem e sobre Deus.”

Sabedora da riqueza e de sua importância, a Igreja do Brasil tem dado muito destaque em sua evangelização ao diálogo, o que pode ser observado nos Documentos de Aparecida. Nos anos de 2008 e 2009, em resposta ao convite da Igreja, os Profissionais do Reino, organizados nos GPRs puderam estudar e aprender com o citado documento.

Nós, Profissionais do Reino, comprometidos com a transformação pessoal, comunitária e da sociedade, à luz do Espírito Santo, somos convocados pela Igreja a viver e



promover o diálogo em todas as suas esferas, olhando para nossa realidade sociocultural, econômica, sociopolítica, ecológica e religiosa, como podemos ver no Documento da CNBB 87, em seu parágrafo 153:

No interior da comunidade eclesial, o diálogo deve ser regra permanente para a boa convivência e o aprofundamento da comunhão. A variedade de vocações, espiritualidades, movimentos deve ser vista como riqueza e não como motivo para competição, rejeição ou discriminação.

Pe. Elias Wolff, autor do estudo **“O diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo no Documento de Aparecida”**²⁴, nos alerta para o tamanho tesouro que é despertarmos para a necessidade do diálogo e que somente numa Igreja da comunhão e participação é possível a verdadeira prática do diálogo:

Somente na Igreja da comunhão e participação é possível a verdadeira prática do diálogo. O diálogo é uma atitude prática e espiritual, pessoal e comunitária, que requer conversão pastoral e renovação missionária das comunidades, para que sejam capazes de “abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” (n.365). Para essa conversão são chamados todos os discípulos e discípulas de Cristo (n. 366). Esses são desafiados a desenvolverem uma espiritualidade de comunhão e participação, de onde “nasce a atitude de abertura, de diálogo e disponibilidade para promover a co-responsabilidade e participação efetiva na vida da Igreja (n. 368).

Em resposta a esse apelo da Igreja, no desejo de cumprirmos suas orientações, as quais estão certamente embasadas na Sabedoria e na vontade do Pai do céu, cabe a nossos grupos dar uma resposta de amor, como já dito, estabelecendo um diálogo constante entre fé e razão, pois, como diz São Tomás, “A luz da razão e a luz da fé provém ambas de Deus por isso não se podem contradizer entre si.”

Para tanto, em primeiro plano, devemos vivenciar o diálogo em nossos próprios grupos de profissionais, trocando experiências, ideias e a própria vida.

A **“construção de pontes”** se faz necessária com a RCC a qual pertencemos, buscando cada vez mais estreitar essa ligação, favorecendo a articulação e o trabalho.

Cabe a nós, ainda, estabelecermos profundo diálogo com os demais movimentos e pastorais da nossa Igreja, que é tão rica em diversidade e dons, a fim de buscarmos parceiros na evangelização e efetiva construção de estruturas mais condizentes com a Civilização do Amor.

²⁴ Disponível em: <www.cnbb.org.br/site/images/arquivos/files_48aea5cbe36db.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2010, 09:21.



É necessário evitarmos o erro de vivermos em grupos isolados, fechados em torno de si mesmos, pois a busca da santidade requer relacionamento; e o desafio se torna ainda mais enriquecedor na medida em que nos abrimos ao outro, ao diferente, estendendo-nos ao diálogo com a própria sociedade, onde queremos dar-lhe sabor, sendo o tempero, o sal e a luz.

Ainda no documento da CNBB 87, agora no parágrafo 165, lemos “[...] Contradiz profundamente a dinâmica do reino de Deus, que é sal, luz e fermento, a existência de comunidades cristãs fechadas em torno de si mesmas, na busca contraditória de uma santidade que não transborda para o relacionamento com a sociedade em geral, com as culturas, com os demais irmãos que também crêem em Jesus Cristo e com outras religiões...”

Assim, o diálogo na V Conferência do episcopado latino-americano e caribenho é proposto em dois âmbitos: no interior da Igreja, entre os seus discípulos e missionários, organismos, instituições, paróquias, grupos, expressões, pastorais; e o diálogo externo, interagindo com a sociedade, no diálogo ecumênico e inter-religioso, permitindo que “sejamos igreja” na realidade de comunhão e participação, contribuindo para a construção do reino de Deus, na medida em que também crescemos com essa interação.

Ambos são extremamente salutares, e o diálogo numa sociedade plural, inegavelmente vivida hodiernamente, exige de todos uma adequada formação, abertura e respeito para que ocorra a constituição de auto-consciência e de identidade eclesial. Nesse sentido, continua nos brindando o Pe. Elias Wolff²⁵ em seu estudo afirma que:

A formação para o diálogo do cristão católico: É preciso uma formação para o diálogo, capaz de “revitalizar nosso modo de ser católico e nossas opções pessoais pelo Senhor” para que o “encontro vivificante” dos povos latinos com Cristo aconteça em todas as dimensões da existência pessoal, eclesial e social (n. 13). O diálogo é um aprendizado que se adquire pelo encontro das diferenças, pelo exercício da convivência, pela prática da partilha e pela cooperação. E se fundamenta na fé batismal e trinitária comum aos dialogantes. O Batismo coloca a todos numa comum dignidade diante de Deus uno e trino e na Igreja, de modo que a relação intra-trinitária é o modelo da relação na comunidade dos batizados.

Num contexto plural, o melhor modo de ser Igreja é relacional, diálogo comunicacional. A Igreja não se situa “frente” ao pluralismo sócio-cultural-religioso, mas o seu interior. Ela sente-se pertencente à sociedade plural do seu tempo, sendo também por ela configurada em suas expressões históricas. Não existe a Igreja “aqui” e a sociedade plural “lá” geograficamente distanciadas. Existe o espaço social plural

25 Disponível em: <www.cnbb.org.br/site/images/arquivos/files_48aea5cbe36db.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2010, 09:21



no qual a Igreja se situa. Ou ela manifesta-se concretamente nesse espaço ou é uma entidade abstrata.

Esse fato tem exigências tais, como:

1 - compreender que o original da Igreja é a pluralidade conforme a sua origem trinitária e a multiforme manifestação da graça que nela atua. A uniformização não condiz nem com a natureza da Igreja, nem com a ação do Espírito dela;

2 - favorecer o pluralismo que não seja fragmentação da verdade, mas uma diversidade na comunhão, como “comunhão plural”.

No desejo de cumprir a vontade do Pai e as orientações da Igreja diante de um mundo plural, rico, intenso, desafiador, amado por Deus, para o qual mandou seu filho único para redimi-lo; queremos propor aos GPRs, a todos os profissionais cristãos e àqueles que lerem este texto, a vivenciarem o diálogo em toda sua amplitude, em resposta à oração de Jesus antes de subir aos céus, estampada em João 17,21 “[...] que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, E para que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo acredite que Tu me enviaste.”

Sugestões para Diálogo dentro da Igreja/RCC:

A direção da CNP é a da Unidade na diversidade, ou seja, respeitando nossas necessidades específicas de profissionais, construir a Unidade, por isso estamos gerando estruturas de participação e estreitamento das partilhas entre as coordenações da RCC. Neste sentido, orientamos que cada liderança, coordenador de GPR, representantes diocesanos dos profissionais, representantes estaduais dos profissionais e representantes regionais busquem, primeiramente, o diálogo, a partilha e a unidade com os coordenadores da RCC; e depois com toda Igreja. Só assim poderemos avançar para o diálogo com toda sociedade e o diálogo inter-religioso. Como podemos fazer isso?

- Informar-se sobre as diretrizes e planejamento da igreja, da RCC (estadual e diocesano) e a partir desses fazer o planejamento do seu GPR;
- Construir parcerias com os ministérios de Promoção Humana, Fé e Política, para Famílias e para Crianças, Universidades Renovadas, dentro do princípio da ministerialidade orgânica da RCC.
- Participar dos eventos da RCC estadual, diocesano, participação na organização, colocando-se à disposição;
- Participar das diversas formações da RCC, geral ou específicas;



- Participar das reuniões vicariais como coordenador de GPR e nas reuniões diocesanas (representante diocesano de profissionais);
- Buscar uma paróquia de referência ou a casa de seu vicariato, onde os profissionais do seu GPR sejam reconhecidos e acolhidos e com a qual vocês tenham um comprometimento oferecendo seus serviços como Profissionais do Reino de acordo com a necessidade e realidade paroquial ou vicarial;

Lembrem-se de que somos chamados a construir pontes, chamados ao diálogo; portanto, assumamos essa tarefa como nossa, muito mais do que como tarefa dos outros. No carisma Franciscano “Compreender mais que ser compreendido”.

7.5. MISSÃO E AÇÃO NA SOCIEDADE: UM COMPROMISSO DA IGREJA

7.5.1 Missão

O GPR é um grupo que deve primar pela formação de Discípulos e Missionários de Jesus Cristo. Neste sentido, cada membro e todo GPR deve estar continuamente em formação como discípulos visando a MISSÃO e a AÇÃO no mundo onde estamos presentes.

O local de trabalho onde cada Profissional do Reino está inserido torna-se um campo privilegiado para atividades missionárias, assim como, pressupõe um ambiente repleto de desafios ou mesmo adversidades, portanto, repleto de possibilidades para o crescimento do Profissional como protagonista da Cultura de Pentecostes seja no mundo do trabalho, da sociedade, da Igreja, da RCC, e do próprio GPR, “[...] pois quando um cresce, todos crescem”; quando um “avança, todos avançam para águas mais profundas”; e “o vigor aumenta na medida que avançam” (Sal 84,8); e “pois então haverá certamente um futuro e nossa esperança não será frustrada”(Prov 23, 18).

A Missão nos permite de forma efetiva construir o **sonho** da Civilização do Amor. Com toda a riqueza inigualável que a Cultura de Pentecostes nos alcança, tendo o Batismo no Espírito Santo e suas consequências, como o “Grande Bem Espiritual” que podemos espalhar para todos os corações dos Profissionais no mundo do trabalho, a missão nos garante a possibilidade de não nos conformarmos com este mundo, “mas transformá-lo por nossa renovação espiritual”(Rm 12, 2).

O GPR forma discípulos de Jesus. Suas reuniões visam, também, a capacitação missionária de seus membros, ou seja, o GPR é o lugar onde CHEGAMOS para partilhar nossas vidas e o que trazemos, de forma mais específica, do mundo do trabalho, mas, também, é o lugar privilegiado de onde “PARTIMOS” em MISSÃO para PARTILHAR, na sociedade, todos os talentos que o Senhor distribuiu a cada profissional nas reuniões eclesiais alimentadas por uma Espiritualidade Pentecostal, uma Formação Integral e pela Partilha Vivencial.

Sempre com o olhar voltado preferencialmente para a dignidade da pessoa humana presente em todos os trabalhadores, a vida missionária promovida em nossas co-



munidades torna-se dimensão necessária para atendermos o chamado de Cristo através do magistério da Igreja, conforme nos pede o Concílio Vaticano II e os documentos das Conferências Episcopais Latino Americana: Puebla, Medellín, Santo Domingo e Aparecida, além Dos documentos da CNBB que orienta o trabalho pastoral dos fiéis leigos no Brasil.

Necessário ainda é planejar, executar e avaliar a formação missionária (intercessão, pregação, cura e libertação, discernimento, administração, liderança e serviço nas comunidades de profissionais, dentre outras), de nossas reuniões, para que nossos membros estejam capacitados pelo Poder do Espírito Santo a efetivarem os GOT's (Grupo de Oração no Trabalho); trabalho com empresários; criar novos GPRs; promover Experiências de Oração para Profissionais; Encontros de Profissionais que contemplem as áreas de conhecimento e atuação; consolidar o Projeto Primeiro de Maio em todas as cidades onde estamos inseridos, enfim, semeando a Cultura de Pentecostes, para **“CONSTRUIR NESSA CIDADE A CIVILIZAÇÃO DO AMOR”**.

A) GOTs (Grupo de Oração no Trabalho):

Os GOTs (Grupo de Oração no Trabalho) tem por finalidade fazer com que cada profissional faça uma experiência pessoal e comunitária do Amor de Deus, através da Experiência do Batismo no Espírito Santo.

Sugerimos que as reuniões aconteçam em harmonia (sempre que possível) com os pilares do GPre com as seguintes dimensões:

- 1. Local:** escolha um local de fácil acesso a participação da maioria dos profissionais do local de trabalho. Ex: sala de reuniões, anfiteatros, sala de vídeo, capela, etc.
- 2. Horário:** da mesma forma, estabelecer um horário fixo (para que se crie o hábito), que garanta a maior participação de todos, e é claro que não prejudique as atividades laborais. Portanto, a reunião deve ter horário para iniciar e finalizar. (Alguns casos de GOT em empresas as reuniões acontecem logo no início do expediente, ou no horário do almoço, seguem ainda, uma média de tempo de aproximadamente: 0'25 min. Podendo chegar aos 0'30 min.
- 3. Periodicidade:** Inicialmente as reuniões dos GOTs ocorrem semanalmente com a presença do máximo de profissionais juntos. Porém, temos observado que após poucas semanas após o início do GOT e na medida em que os membros do grupo vão amadurecendo na fé, os profissionais iniciam momentos de oração diários em seus respectivos departamentos, mas, chegado o dia da reunião semanal do GOT todos se reúnem novamente, tornando-se a reunião da unidade no local do trabalho.



4. Estrutura da Reunião (Sugestão):

I. Parte:

- Acolhida (0,2 min): Após desejarmos Bom Dia! Boa Tarde! Convidamos que todos possam acolher os irmãos com a Paz de Cristo e um abraço fraternal, ou outras formas de Acolhida que o Espírito Santo inspirar.
- “A Boa da Semana” ou outra forma de Oração de Louvor (0’2 min): O coordenador da reunião, convida para (aqueles que individualmente sentirem no coração vontade) partilhar em forma de AGRADECIMENTO uma circunstância boa que tenha ocorrido durante a semana desde a última reunião. Pode-se louvar, tanto após a partilha de cada membro (no modelo do Louvor Ping-Pong), ou ao final da partilha de todos.

OBS:Esse momento, visa a formação dos membros, através do louvor individual, buscando também fazer com que todos possam conhecer melhor o irmão (ã) que partilhou e se comprometer com sua história de salvação. A Boa da Semana gera, também, crescimento na comunhão entre os irmãos, portanto, sentimento de pertença e identidade comunitária.

- Momento de Entrega e Reconciliação com o Senhor (0’2 min): o coordenador (a) da reunião deve conduzir a oração de entrega e reconciliação, propondo que cada um (a), na liberdade de filhos (as) de Deus, entregue ao Senhor todo o seu coração e a sua vida, principalmente nossas fragilidades, limitações e nossos pecados que nos atrapalham avivermos integralmente a dignidade de filhos (as) amados (as) de Deus, e pedimos, individual e comunitariamente, a reconciliação com o Senhor que perdoa todos os corações arrependidos e sinceros. Ao final deste momento, louva-se (agradece) a Deus por todo seu amor derramado em nossos corações.

II. Parte:

- Pregação ou Partilha da PALAVRA (0’4 min): O coordenador da reunião ministra a Palavra de Deus aos corações dos profissionais, observando a aplicação da mesma ao contexto da vida do profissional e ao mundo do trabalho onde ele está inserido. A finalidade é “encarnar” a aplicação da Palavra de Deus, à vida dos trabalhadores para que a mesma torne-se luz e orientação na Caminhada Profissional. Portanto, a preparação, através da oração, estudo (Fé e Razão), é fundamental para a eficácia deste momento de anúncio da Palavra de Deus.
- Partilha da Palavra (0’7 min): o coordenador, neste momento, motiva que os membros partilhem a aplicação da Palavra, normalmente com 1 ou 2 perguntas contextualizadas. Ex: O que esta Palavra me ensina? O que posso fa-



zer para praticar essa Palavra? E abre para a Partilha (lembrar sempre das regras da partilha, ver Parte II sobre partilha).

- **Batismo no Espírito Santo (0,3 min):** neste momento o coordenador deve convidar a todos a pedirem o Batismo no Espírito Santo como em um “Novo Pentecostes”, um profundo derramamento do Espírito em suas vidas e realidades.

OBS: percebendo a abertura, o amadurecimento do Grupo, quem estiver conduzindo este momento deve propor a IMPOSIÇÃO das MÃOS de uns sobre os outros (em nossa experiência, orar pelo (a) irmão (a) da direita ou esquerda e ao final da oração Louvar (agradecer) a Deus, pela oração recebida é o meio mais rápido de obter eficácia na Experiência do BES); se abrir também a liberdade do Espírito: a oração em línguas e aos demais carismas do Espírito, conforme o Espírito inspirar, tudo com muito discernimento e zelo.

III. Parte:

- **Envio (0,1 min):** neste momento, o coordenador da reunião sintetiza a mensagem central da reunião que está terminando e propõe a vivência da reunião durante toda a semana até a próxima reunião, podendo ainda estabelecer:
- **O GESTO DE AMOR DA SEMANA (0’1 min):** perguntando à comunidade qual gesto de amor todos em comum pode adotar como vivência da reunião para o decorrer da semana, após ouvir as sugestões, escolhe-se o gesto de maior aplicabilidade.
- **O AMADO (A) DA SEMANA (0’1 min):** neste momento será escolhido(a) o(a) irmão (ã) que todos irão orar, interceder por ele (a); o coordenador da reunião então pergunta ao amado da semana anterior se ele (a) quer dar um breve testemunho de como foi aquela semana como AMADO (A); depois do testemunho, o coordenador pergunta a todos (as) quem sente no coração a vontade de ser o AMADO (A) da SEMANA, mesmo que surja mais de um irmão (ã) é importante que se escolha apenas um (a) para que todos possam se comprometer espiritualmente em manter nosso AMADO (A) em pé na caminhada, e que de fato o irmão (ã) se sinta amado por todos, buscando despertar no mesmo (a), o sentimento de pertença a esta comunidade de profissionais.
- **Testemunho Final (0’1 min):** neste momento, o coordenador da reunião pergunta se alguém pode testemunhar o que Deus fez nela nesta reunião (como entrou e como está saindo da reunião).
- **PEZINHOS JUNTOS (0’030 sec):** neste momento o coordenador da reunião motiva a todos os membros a colocarem os pezinhos todos lado a lado (um



pé junto ao outro pé do irmão (ã) e depois que todos estiverem juntos, pedir para que algum irmão (ã) explique o significado destes pés juntos, onde espera-se que responda: “Para que possamos CAMINHAR SEMPRE JUNTOS!” ; com esse gesto, termina sugerindo ainda que ninguém saia sem dar o ABRAÇO DA PAZ (0,030 sec) no irmão (ã) que participou da reunião.

Atentamos para os locais de trabalho cuja comunidade de Profissionais disponibilize de um tempo maior, às vezes fora do expediente, para que se lancem na iniciativa de um GPR, como alguns casos que já tem ocorrido no país.

Observamos ainda, que o processo natural da caminhada de um GOT comprometido com o crescimento qualitativo do grupo, tenha como consequência a criação de um GPR, ou a inserção de seus membros em um GPR já existente, como também já tem ocorrido em algumas realidades.

Em Goiânia alguns membros dos GPRs começaram os GOTs e tem acompanhado esses grupos principalmente em algumas empresas.

Sobre a identidade dessas comunidades, é muito importante que os Profissionais do Reino membros dos GPRs, ao iniciarem um GOT, deixem muito claro a sua IDENTIDADE: Profissional do Reino de Deus, membros de um GPR, da RCC que, por sua vez é um movimento da Igreja Católica Apostólica Romana.

As formações ocorridas em nossos GPRs devem atentar para a capacitação de nossos membros para EVANGELIZAÇÃO no mundo do trabalho, em que o Magistério da Igreja, a DSI, nos oferece riquíssima orientação para esta formação contextualizada.

Verificamos que o mundo do trabalho está inserido em um mundo contemporâneo, de características múltiplas: de maioria urbana, secularizada, heterogênea e plural quanto a identidade e diversidade religiosa e, portanto, não é muito comum, encontrarmos em um local de trabalho, profissionais, que sejam exclusivamente, católicos apostólicos romanos, membros da RCC. Ao contrário, é muito comum, encontrarmos nestes ambientes, a presença de irmãos ‘evangélicos’, membros dos espiritismos, e mesmo os que simpatizam pela dimensão da “ESPIRITUALIDADE” no mundo do trabalho, mas que, não seguem nenhuma identidade religiosa, propriamente dita, abertos a seguirem qualquer orientação nova, principalmente a orientação tida por NOVA ERA.

Neste sentido, a evangelização do mundo do trabalho, deve conter uma mensagem clara, objetiva e fiel: ANUNCIAR CRISTO JESUS, como nosso Senhor e Salvador o Deus de nossas vidas, portanto de nossas Profissões, empresas, negocio, trajetórias profissionais, etc.

Nossa prioridade ao Evangelizarmos não é a atividade de proselitismo, ou seja, nossa prioridade não é fazer novos adeptos para o GPR, mas sim, a de tornar Jesus Cristo, o Espírito Santo e nosso Pai de Amor conhecidos e amados por todos os trabalhadores que o Senhor confiar aos nossos cuidados.



Como carismáticos, fazemos este anúncio através da experiência pentecostal do Batismo no Espírito Santo, e a partir dessa experiência gratuita e de profundo respeito, percebemos que muitos profissionais passam tanto a respeitar nossa identidade, quanto a buscar livremente o conhecimento e, até mesmo, a inserção na mesma.

Por isso, que nossa ação evangelizadora deve sempre propor um CAMINHO: partimos de onde estamos inseridos: os GPRs; passamos para ação missionária: os GOTs e avançamos através das Experiências de Oração, Vigílias, 1º de Maio, etc. e chegaremos à RCC e a nossa Mãe e Mestra Igreja, onde Cristo se revela de maneira visível.

O Senhor tem nos falado muito por duas palavras: Rom 12,2 e I Cor 9,15-27.

B) Trabalho com Empresários

Com o crescimento dos GOTs já começa surgir o trabalho com os Empresários que ocupam lugares estratégicos na sociedade, que se reúnem para participar de forma mobilizada e articulada das ações de evangelização. Em algumas realidades já estão surgindo vigílias, reuniões, e, até mesmo, encontros desse grupo de profissionais.

C) Expansão dos GPRs:

Nosso objetivo é avançar em todos os estados do Brasil, levar os profissionais a sonhar em serem verdadeiros e autênticos “Profissionais do Reino”, assim, conseqüentemente, realizar A EXPANSÃO DOS GPRs.

D) Experiência de Oração para Profissionais

O novo nascimento é um passo necessário para o cristão adentrar no Reino de Deus e poder vivê-lo já aqui na terra. É missão da Igreja e característico da RCC oferecer espaço para esse novo nascimento.

Considerando que a experiência de Pentecostes produz no coração do homem um sentimento de responsabilidade em propagar o evangelho, e o coloca de prontidão para a ação missionária, percebe-se a necessidade de proporcionar cada vez mais e com maior consistência essa mesma experiência de Pentecostes.

Assim, no intuito de cumprir sua missão de evangelizar o ambiente profissional como consequência do encontro pessoal com Jesus e do chamado de ser um Profissional do Reino e construir o Reino de Deus já aqui na terra, propomos um modelo de Experiência de oração para profissionais.

Dessa forma, visamos formar o maior número de profissionais do Reino que façam a diferença no seu local de trabalho e através de sua profissão, tornando-os discípulos e missionários de Cristo. É necessário que se tenha em mãos, métodos de evangeli-



zação que atinjam de modo eficaz as vidas de todos os profissionais e que transformem o mundo do trabalho.

A Experiência de oração terá linguagem e métodos adequados à vida dos profissionais e ao mundo do trabalho. Ela deve promover a construção da Cultura de Pentecostes no mundo do trabalho. Ao final de cada tema do querigma, deve haver um espaço profundo de **PARTILHA** e **CONSTRUÇÃO**, norteado por perguntas plenas.

E) Encontros de Profissionais que contemplem as áreas de conhecimento e atuação

Os encontros de profissionais que focam determinada área de conhecimento ou de atuação é, na atualidade, um tema frequente nos estudos e documentos publicados pela Igreja no Brasil:

Imagine-se a vantagem a curto e a longo prazo, de um grupo eclesial de pesquisadores de área da saúde, que passam a reunir-se periodicamente para discutir problemas de saúde pública, de ética na área biomédica etc.; ou jurista que proponha a estudar a maneira como a lei é aplicada no Brasil; de economistas que examinem a conjuntura econômica e a repartição da riqueza no país. Tudo isso, naturalmente, dentro de uma visão crítica, tenha como base os valores do Reino²⁶

A construção do Encontro que contemple as Áreas é, deste modo, uma resposta aos apelos da Igreja que pede aos cristãos leigos que sejam promotores de uma nova cultura; que estejam presentes nas decisões políticas, econômicas e sociais da sociedade, ou seja, que não se submetam a uma cultura de morte, que não respeita a dignidade da pessoa humana.

É sabido que em toda Renovação Carismática Católica temos hoje a presença de profissionais das mais diferentes áreas, pessoas que desenvolvem os mais diversos trabalhos. Existe uma multidisciplinaridade que precisa ser organizada. Por isso, há a necessidade de reunir diferentes profissionais de diferentes formações e atuações para juntos agregarem valores nos seus campos afins e, assim, promover uma cultura com valores humanos, que tenha como fundamento a mensagem de salvação dada por Jesus nos evangelhos e no magistério da Igreja. Dessa forma, os Profissionais do Reino não devem hesitar em dar seu contributo social, fugindo do imediatismo pragmático que torna as profissões egoístas e submissas as leis de mercado.

A formação deste momento de áreas no encontro tem por finalidade motivar a criação de grupos de cristãos que, segundo sua vocação, acadêmica ou não, e sob a ação do Espírito Santo, reúnam-se periodicamente para refletirem sobre a realidade local e nacional, trabalhando em REDES.

²⁶ Estudos da CNBB 56 n. 521.



Por exemplo, um grupo de educadores de diferentes disciplinas que se encontrem para rezarem e debaterem sobre a situação do ensino público em seu estado ou cidade, a partir daí propor projetos e apresentar soluções para os problemas encontrados, que sejam fruto dessas reuniões periódicas; ou profissionais da saúde que apresentem alternativas para um atendimento mais humanitário e universal da saúde pública; ou Engenheiros e Arquitetos que proponham soluções para a questão de moradia, apresentando projetos de construção de casas populares de baixo custo; de Cientistas Sociais, Historiadores e Assistentes Sociais, que examinem criticamente a conjuntura social e política local, fiscalizando como está sendo aplicada a verba pública; ou ainda de pesquisadores que debatam sobre a ética nas pesquisas científicas. Claro, esses são apenas alguns exemplos da finalidade e importância que o encontro por área pode proporcionar, inúmeras outras situações devem aparecer a medida que os encontros forem amadurecendo.

Por se tratar de um evento da Renovação Carismática Católica, a metodologia consistirá num encontro que mescle momentos de oração, louvor e escuta profética, com momentos onde serão discutidos de modo técnico e à luz da Doutrina Social da Igreja os desafios em questão sob a metodologia do Ver, Iluminar, Agir/Celebrar.

Foi feito um modelo pela CNP que se encontra no site www.projetoprimeirode Maio.com.br.

Acreditamos que ao unir os profissionais em suas áreas específicas, estamos contribuindo na formação de cristãos conscientes de seu papel na História de Salvação, e no respeito inviolável da dignidade da vida, em todas as suas dimensões.

F) Projeto Primeiro de Maio: “De Deus é o nosso trabalho”

O trabalho humano contribui na transformação do mundo, principalmente se associado a essa dimensão de renovação espiritual da pessoa humana, a começar no próprio trabalhador. A necessidade de agregar ao dia 1º de Maio: ‘Dia do Trabalhador’, essa dimensão de renovação espiritual, busca dentre outras coisas contribuir no processo de valorização do trabalhador enquanto pessoa humana e membro do Reino de Deus.

Os Profissionais do Reino, em resposta ao chamado de Deus de evangelizar todos os profissionais que o Senhor confiar aos seus cuidados, buscam com o ‘Projeto 1º de Maio’, resgatar, atualizar e difundir a importância do trabalhador e do trabalho associados a uma Cultura de Amor, e para o Amor, aqui denominada Cultura de Pentecostes, como forma de construção de uma nova civilização, a tão sonhada Civilização do Amor.

Assim, acreditamos que tudo o que somos (trabalhadores (as), profissionais do Reino), bem como, o que temos (trabalho, profissão) pertencem antes de tudo a Deus, único capaz de transformar toda realidade contrária a vida plena que as pessoas humanas merecem viver.



“Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito” (Rom 12, 2).

1º de maio: Dia Nacional de “CELEBRAÇÃO, CONSCIENTIZAÇÃO, ORAÇÃO E FORMAÇÃO PARA OS TRABALHADORES BRASILEIROS.” Em todo o Brasil realizamos ações e eventos voltados para os trabalhadores de nossas dioceses. As ações devem contemplar tanto a dimensão atemporal com Vigílias, Missas, momentos de louvor, anúncio e oração, etc., e também a dimensão temporal com formações sobre seus direitos e compromissos com a sociedade, a atuação profissional em áreas afins. Momentos de partilha contemplando as duas dimensões também são importantes.

Entre os objetivos do evento estão o de anunciar para os trabalhadores e suas famílias o Amor de Deus e sua infinita Misericórdia, de falar sobre o Profissional do Reino, de escutar o que o Senhor quer para a nossa vida profissional, de louvar pelo trabalho que temos, de divulgar a Cultura de Pentecostes no ambiente de trabalho e de difundir e valorizar a Doutrina Social da Igreja (DSI) entre todos os profissionais, incluindo desempregados, subempregados e pessoas com dificuldades em seus empregos.

Acesse o site www.projetoprimeirodemaio.com.br para acessar o projeto e ver as atividades que já foram realizadas.

No dia 1º de cada mês realizamos em todo o Brasil orações de intercessão pelos trabalhadores, GPRs e por esse projeto.

7.5.2 Ação na Sociedade

7.5.2.1 Pressupostos essenciais

O que pensar ou o que dizer sobre ação na sociedade enquanto identidade dos Profissionais do Reino? Para início de reflexão, poderíamos dizer de uma motivação inicial comum, a EXPERIÊNCIA com o CRISTO:

A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. [...] Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários. Isso não depende tanto de grandes programas e estruturas, mas de homens e mulheres novos que encarnem essa tradição e novidade, como discípulos de Jesus Cristo e missionários de seu Reino, protagonistas de uma vida nova para uma América Latina que deseja reconhecer-se com a luz e a força do Espírito.²⁷

²⁷ Doc. de Aparecida, n. 11.



Nesse sentido, poderia se pensar que tal experiência modifica a forma de encarar o mundo, ampliando seu ângulo de visão, ou seja, o cristão deve passar a ver o outro como imagem e semelhança do Senhor. Assim sendo, os até então interesses e projetos de vida “meramente” pessoais tendem a ocupar uma circunferência na qual a pessoa central não é mais o EU PRÓPRIO, mas a PESSOA DE JESUS, a qual conheceu e mudou o rumo de sua história pessoal e, conseqüentemente, de sua história enquanto parte de uma sociedade.

Este encontro pessoal estimula/impulsiona o cristão- a cada dia mais- se inquietar e se questionar frente às estruturas sociais imensamente desiguais de nossos tempos, ao invés de se intimidar e acovardar. “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da mente” (Rom 12, 2a). De modo semelhante, o Documento de Aparecida, citando o até então cardeal Ratzinger no Encontro de Presidentes de Comissões Episcopais da América Latina para a doutrina da fé, afirma: [...] Nossa maior ameaça “é o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, no qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na verdade a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez (DA, 12).

Portanto, a experiência com o Cristo traz sentido a tudo que antes estava acomodado e desordenado. Deve-se ter no coração o sincero desejo de contribuir para a transformação de toda e qualquer realidade de injustiça que se ponha ao seu redor.

[...] com o olhar da fé podemos ver o rosto humilhado de tantos homens e mulheres de nossos povos e, ao mesmo tempo, sua vocação à liberdade dos filhos de Deus, à plena realização de sua dignidade pessoal e à fraternidade entre todos. A Igreja está a serviço de todos os seres humanos, filhos e filhas de Deus²⁸.

É importante ressaltar que tal visão e doação do cristão devem ser encaradas e sentidas de forma espontânea e gratuita, como já mencionado acima, como **fruto natural** da experiência com o VERDADEIRO AMOR. Assim, “Ser cristão não é uma carga, mas um dom” (DA, 28), ou ainda, conforme a Revista Igreja:

[...] a ação social não pode ser vista ou compreendida apenas como dever, no sentido de uma obrigação formal e farisaica, pois ela é parte integrante da Missão da Igreja e deve ser acolhida como fruto natural de uma fé integral que tem, pelo menos, três elementos essenciais: afetivo (esfera dos sentimentos, das emoções); cognitivo (esfera da razão) e comportamental-normativo (esfera da ação) Portanto, a relação com Deus “implica conhecê-lo, amá-lo e servi-lo”. Sendo assim, a ação social, como uma das dimensões da fé em ação (práxis da fé), é essencial para a vivência do Evangelho²⁹.

28 Doc. de Aparecida, n. 32.

29 (CASTRO, 2006).



Com isso, o serviço deve ser algo que nos alegre, que irradie em nós a certeza do motivo pelo qual o fazemos e que nos faça crescer na fé e na vivência fraterna. “A alegria do discípulo não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus” (DA, 29).

Portanto, a busca do pilar da AÇÃO SOCIAL, enquanto identidade do GPR, baseia-se nesta lógica:

EXPERIÊNCIA PESSOAL → INCONFORMIDADE → AÇÃO

a) Questões práticas

Como ficou claro acima, toda ação da Igreja não deve ser vista como um fardo, uma mera obrigação. No GPR, enquanto parte integrante da Igreja, não é diferente. Assim, o pilar ação na sociedade deve ser pensado no grupo como uma oferta natural, deve surgir como um desejo dos participantes de realizar o chamado de Profissional do Reino em comunidade, potencializando, assim, o chamado cotidiano de cada um em seu local de trabalho. Isso não significa dizer que o grupo que não realiza nenhuma ação deixará de ser GPR por isso, mas este deverá buscar viver essa experiência comunitária de doação, enquanto parte da essência e do chamado concreto destes profissionais.

A ação na sociedade implica também em uma articulação entre as diversas áreas do conhecimento e de atuação profissional que vise a participação dos Profissionais do Reino na elaboração, execução e acompanhamento de políticas públicas para as diversas demandas sociais presentes na sociedade.

Algumas das primeiras questões que surgem ao se pensar num trabalho social são: onde, quando e como fazer? A seguir, são levantadas algumas reflexões e possibilidades sobre cada um destes momentos sem com isso, entretanto, esperar-se esgotar o assunto ou até mesmo apresentar receitas uniformes. São, antes, caminhos!

1) ONDE?

Para se pensar onde fazer uma ação deve-se antes olhar o contexto ao redor, o cenário que os cerca, os trabalhos que já são desenvolvidos em sua paróquia nos movimentos (RCC e outros) e pastorais, na universidade ou em algum órgão da sociedade local. Ou seja, muitas vezes o trabalho que desejam fazer já vem sendo realizado e o GPR pode passar a somar a este, sem necessariamente ter que iniciar algo “do zero”. Vale ressaltar que, neste caso, deve-se primar muito pela identidade do grupo, sobretudo no que diz respeito à espiritualidade, isto é, fazer parceria em alguma atividade não significa deixar o que é essencial ao grupo de lado!

Todavia, o GPR pode também se sentir chamado a começar algo novo. Deve-se, neste caso, apenas cuidar para que não seja apenas uma característica de individualismo



do grupo ou até mesmo de falta de visão do todo. Quando se começa um trabalho do início deve-se estar atento para as necessidades do contexto ao redor. Não adianta se ter uma ótima ideia se esta não se aplica ao contexto em questão. Portanto, as ideias partem das vivências, de um olhar sensível ao apelo do outro!

A atividade pode ser algo institucionalizado (ex: em instituições de longa permanência, hospitais, creches, igrejas, etc) ou não (ex: comunidades, moradores de rua, etc). Independente de qual seja a opção, o importante é que o trabalho tenha um público-alvo específico e objetivos claros!

2) QUANDO?

O quando, na linguagem da fé, deve ter o quesito “escuta” muito bem apurado! Os membros devem estar em comunhão entre si e com Deus para que o momento seja bem preparado, discutido e trabalhado!

Além disso, é importante que o grupo avalie o que tem de condições reais para iniciar determinado trabalho (não condições perfeitas ou completas, mas mínimas). Esse também é um bom indicador do momento de se começar!

3) COMO?

Alguns passos importantes devem ser considerados:

- 1º: Levantar demandas (visitas e convivência com a realidade em questão);
- 2º: Identificar as potencialidades da equipe (conhecer as habilidades/ dons dos envolvidos), pois não adianta pensar numa ação contando com pessoas que não se dispuseram ainda. É claro que podemos convidar outros profissionais, não devemos nos limitar, mas não podemos perder o foco da realidade concreta que temos e oferecer o que não possuímos;
- 3º: Elencar prioridades (atentar para as necessidades do público de fato, segundo a ótica deste – ouvir);
- 4º: Estabelecer objetivos (deixar claro qual o foco do trabalho, o que se pretende);
- 5º: Desenvolver estratégias (criar meios para se alcançar os objetivos; construir planejamento);
- 6º: Executar (implementação da rotina de atividades);
- 7º: Avaliar (verificar os objetivos estão sendo atingidos, propor mudanças, bem como consolidar ideias bem sucedidas).

Esse deve ser um ciclo constante, independente do local onde a ação esteja sendo realizada.



Como o GPR possui normalmente muitas atividades, entre formações, eventos, missas, adorações, retiros, momentos de convivência, etc. e, em muitos locais, têm se formado uma equipe responsável pelo projeto social. Essa equipe não deverá, necessariamente, concretizar a ação, mas organizá-la, planejá-la e realizar as devidas articulações. Mas todo o GPR é convidado a participar. Interessante que se monte um calendário com os respectivos responsáveis com dias e horários. Assim, evitam-se sobrecargas e há uma participação de todo o grupo.

A depender do que for feito não é interessante uma rotatividade muito grande de pessoas, por questões de vínculo com o público em questão, estando ao menos sempre presentes algumas figuras que sirvam como identificação do trabalho, não causando, assim, grandes “ruídos” (ex: trabalhos comunitários).

b) Pensando de forma crítica

Outro ponto importante a se abordar neste módulo é a questão do profissionalismo em nossas ações. O que vem se constatando em relatos de muitos GPRs é que se tem muita vontade de fazer, mas que nem sempre os profissionais estão preparados para aquele tipo de trabalho.

É sempre importante que busquemos nos profissionalizar, ou seja, que busquemos o melhor no que estamos fazendo, afinal, estamos servindo ao outro! Se o grupo vai desenvolver algo em uma área na qual seus membros não tenham uma formação específica, é importante que busquem tal capacitação. Caso possuam profissionais da área, é conveniente que esses se atualizem com informações de acordo com as especificidades que forem surgindo, trocando ideias com outros GPRs e outras experiências afins já realizadas.

É importante também tomar cuidado para que não se aplique apenas um assistencialismo, com medidas meramente paliativas. Deve-se trabalhar no sentido de emancipar essas pessoas, ou seja, favorecer seu crescimento e desenvolvimento de sua autonomia. Ao desenvolver práticas de cunho estritamente assistencialista, não se produz um resultado em longo prazo e, portanto, não se cria raízes para solidificar a estrutura do que está sendo feito, podendo se dissolver com a saída do grupo ou de um membro, por exemplo.

Por fim, outro aspecto que não poderia deixar de ser mencionado é o que se refere à relação de nossas ações com as políticas públicas.

Quando se fala em ação social, logo se pensa em voluntários, ONG's e instituições sem fins lucrativos, justamente porque vivenciamos um contexto em que há um intenso crescimento e valorização de tais atividades. Contudo, o que poucos percebem é que o fomento de tais ações do chamado “Terceiro Setor”³⁰ muitas vezes está atrelada a

³⁰ O Chamado “Terceiro Setor” é tido como distinto do Estado (primeiro setor) e do mercado (segundo setor) e inclui instituições não governamentais, não lucrativas e voltadas ao desenvolvimento social; de naturezas as mais variadas:



uma política neoliberal de desresponsabilização do Estado da questão social³¹; que o voluntário ocupa o lugar de um pai desempregado e que sob o discurso da solidariedade crescem inúmeras ações pontuais, assistencialistas e segmentadas, que colaboram para “que as coisas continuem como estão”. Ao iniciar um trabalho social, os integrantes do GPR precisam fazer uma análise crítica da conjuntura político-social contemporânea.

Seria importante observar em cada ação na sociedade, se há alguma política voltada para aquela demanda específica, qual a legislação que aborda esse assunto, quais as lutas e quais movimentos populares e setores da sociedade estão desenvolvendo sobre o assunto, quais os entraves para a efetivação de uma política para atendimento dessas necessidades, quais os fóruns de discussão e o que fazer para colaborar na retirada desses percalços para a efetivação dessa política.

Por que todo esse mapeamento é importante? Por exemplo, existe uma legislação em Minas Gerais (Lei 16.683/2007), que autoriza o Poder Executivo a desenvolver ações de acompanhamento social nas escolas da rede pública do estado. Em São Paulo, os Projetos de Lei 3.688/2000 e 837/2005 também sugerem a importância do trabalho do Assistente Social nas escolas, mas os governos não o efetivam plenamente. Caso um GPR faça um trabalho social nas escolas, é fundamental que esses resultados sirvam para alicerçar o argumento da importância desse profissional no âmbito escolar. Assim, quando o GPR deixar de atuar naquela escola, haverá um profissional que dará continuidade ao trabalho social garantindo a ininterruptão das ações e não sua fragmentação e descontinuidade. Caso contrário, estaremos balizando, com nosso trabalho, o recuo das políticas públicas e sociais. É importante que levemos em conta que nossas ações têm caráter complementar às ações governamentais e não de substituição dessas políticas. Ou seja, sempre trabalhar no sentido da efetivação das políticas públicas e sociais.

Enfim, que nossos GPRs deem gosto e iluminem os ambientes onde estão, indignando-se com a cultura de morte e desenvolvendo meios cada vez mais eficazes de levar vida, e vida em abundância!

c) Ações realizadas pelos GPRs:

No último levantamento realizado por meio de uma pesquisa junto aos GPRs do Brasil, foram elencadas algumas ações na sociedade realizadas pelos Profissionais do Reino. Dentre elas, algumas já foram encerradas e outras iniciativas permanecem.

Os GPRs buscam evangelizar em unidade com a RCC e a Igreja, realizando missas, estudos bíblicos voltados para a comunidade, visitas às casas das famílias para evangelizar e motivar a participação nas atividades da paróquia local, encenações do Natal,

ONG's, universidades, times de futebol, museus, etc. A execução desses serviços não envolve o exercício do poder do Estado, mas muitas vezes são subsidiados por este.

31 Dado as características do texto, não é possível aprofundar a discussão. Para quem se interessar pelo tema, sugerimos a leitura de: MONTAÑO, C. *Terceiro Setor e Questão Social*. Crítica ao padrão emergente de intervenção social. São Paulo: Ed. Cortez, 2002. É valiosa também a reflexão a partir do filme: “Quanto vale ou é por quilo?”- Direção de Sérgio Bianchi.



Seminários de Vida no Espírito Santo, encontros querigmáticos, além de encontros de formação específico para os profissionais.

Elencamos ainda ações com dimensão política que foram realizadas, tais como: o Grupo Ética e Transparência; o Pizza e Política (com papel fiscalizador das ações governamentais e da atuação de políticos); o III Seminário de Bioética para discussão do PNDH3 em parceria com a Pastoral Universitária; o Famílias em Cristo e o Seminário São José da Arquidiocese de Niterói, e ainda o Grito pela Vida, convocando os cristãos a se unirem contra a legalização do aborto e a recolherem assinaturas em prol desse projeto.

Destacamos principalmente as ações ligadas à presença dos profissionais em instituições como abrigos, asilos, delegacias, hospitais, escolas e em comunidades carentes; além de atendimento aos moradores de rua com distribuição de roupas e alimentos juntamente com informações sobre diversos temas ligados à saúde e à educação (saúde bucal, higiene dos alimentos, educação ambiental, etc). Tudo isso com enfoque no resgate da dignidade humana e não no mero assistencialismo.

Merece igualmente destaque o projeto de reforço escolar para crianças e adolescentes, o projeto de educação em saúde para comunidades carentes, em parceria com as escolas e as universidades, e o auxílio a alunos carentes de Curso Pré-Vestibular. Além de apoio às crianças vítimas do HIV e Campanhas de arrecadação de roupas e de material escolar, somadas à participação nas campanhas do Projeto Amazônia (doação de cestas básicas e bíblias).

Chamamos a atenção para o trabalho com as crianças em parceria como o Ministério para as Crianças da RCC.

Duas frentes específicas desse trabalho devemos nos ater:

- As ações voltadas para as crianças em condição de vulnerabilidade social tais como: trabalho, agressão e exploração sexual infantil;
- Ser os GPRs, um espaço de acolhida para os filhos dos Profissionais que desejam “Caminhar Junto” conosco, mas que atribuem aos filhos o motivo para não frequentar nossas reuniões.

E assim os GPRs têm se colocado a caminho na tarefa de dar concretude à sua fé, colocando a profissão a serviço da vida. A Parte II foi elaborada como uma tentativa de dar um direcionamento prático de orientação aos GPRs. Estamos em oração, na fé expectante de que este material desperte muitos frutos em sua comunidade de profissionais.

Deus os abençoe!

Comissão Nacional de Profissionais (CNP)



REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. Tradução do Original Latino J. Oliveira Santos, S.J e A. Ambrósio de Pina, S. J., Prólogo de Lúcio Craveiro da Silva. **Confissões, Livro Primeiro**. 7 edição, Porto: Livraria apostolado da imprensa, 1958.
- Bíblia Sagrada**. 63 ed. São Paulo: Ave Maria, 2006.
- CASTRO, C. P. Igreja e ação social: **fé na dimensão da ação**. Revista Igreja, 2006, v.2.
- Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA. **Para uma pastoral da cultura**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- Documento CNBB 87**: Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – 2008/10.
- Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 5 ed. Brasília: Edições CNBB, 2008.
- ESCRITÓRIO NACIONAL DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA. Anuário 2006 e Plano de Ação 2006/2007.
- Formação do GPP-Goiânia sobre partilha: João Batista e Dercides.
- INSUNZA, Santiago M. OSA. Caderno de Espiritualidade Agostiniana – Orar com o coração. Editora FABRA.
- MANSFIELD. PattiGallagher. Introdução pelo Cardeal Suenes. **Como Um Novo Pentecostes**. 4 ed. Rio de Janeiro: Edições Louva-a-Deus, 2003.
- Ministério de Formação da RCC-BR. **Encontro com Deus**. Módulo de Formação Humana Apostila 1. Editora RCC Brasil.
- Ministério de Formação da RCC-BR. **Encontro comigo mesmo**. Módulo de Formação Humana Apostila 2. Editora RCC Brasil.
- Ministério de Formação da RCC-BR. **Encontro com os outros**. Módulo de Formação Humana Apostila 3. Editora RCC Brasil.
- OLIVEIRA, Pe. Vicente André de. **Acolhida: Como formar comunidades acolhedoras**. Editora Santuário.
- Palestra do Padre Léo: O Espírito Sopra na Comunidade – 08/06/2003, Canção Nova.



POWELL, John S. J, e BRADY, Lorreta M.S.W. **Arrancar máscaras! Abandonar papéis!**. 14 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

SANTOS, Ivna Sá dos. **Dai-lhes vós mesmos de comer**. 1 ed. Belo Horizonte: 2004.

SILVA. Dercides Pires da. Apostila: Formação de coordenadores – Apascentai no Espírito Santo. RCC Goiânia.

VANIER, Jean. Comunidade lugar de perdão e da festa. Edições Paulinas.

WOLFF, Pe. Elias. **O diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo no Documento de Aparecida**. Disponível em: <www.cnbb.org.br/site/images/arquivos/files_48aea5cbe36db.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2010, 09:21.



BIBLIOGRAFIA SUGERIDA PARA APROFUNDAR ESTUDOS

- ABIB, Pe. Jonas. **O Espírito Sopra onde quer**. Edições Loyola, 2002.
- ALMEIDA, João Carlos. **Como liderar pessoas difíceis**. 2. ed. Canção Nova, 2010.
- ALVES, T.; CASTRO, A. **Construção da Marca Pessoal**. São Paulo, SP: Totalidade, 2008.
- AMARAL, Luciana. **Dom do Discernimento dos Espíritos**. Edição Louva-a-Deus, 1994.
- ASSLÄNDER, F.; GRÜN, A. **Administração espiritual do tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- BLANK, Renold J. **Escatologia da Pessoa** (Vida, morte e ressurreição). 8 ed. Paulus, 2010.
- Carta Encíclica Christifideles Laici (Sobre vocação e missão dos leigos na igreja e no mundo), 31 de dezembro de 1988.
- Carta Encíclica Evangelium Vitae (Sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana), 25 de março de 1995.
- Carta Encíclica Fides et Ratio (Sobre a fé e a razão), 14 de setembro de 1998.
- Carta Encíclica Gaudium et Spes (Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo), 07 de dezembro de 1965.
- Carta Encíclica Lumen Gentium (Constituição dogmática sobre a Igreja), 21 de novembro de 1964.
- Carta Encíclica Redemptoris Missio (Sobre a Validade permanente do Mandato Missionário), 07 de dezembro de 1990.
- CASTRO, Regis e Maísa. **Louvor Pinque-Pongue**. Editora Raboni, 1994.
- CORTELLA, Mario Sergio. **Não nascemos prontos!** 12. ed. Vozes, 2011.
- DEGRANDIS, Pe. Robert SSJ. **O Dom de Línguas**. Edições Loyola, 1988.
- ESCRIVÁ, Jose María. **Caminho**. 9. ed. Quadrante, 1999.
- FLORES, José H. Prado. **Ide e Evangelizai os Batizados**. Edição Louva-a-Deus, 1996.
- GIVENS, David. **A linguagem corporal no trabalho**. Vozes, 2010.
- Grupos de Oração Carismáticos: o que são? Elementos; Dinâmica e Funcionamento. 6 ed. Edição Louva-a-Deus, 1986.



- GRÜN, Anselm. **Vida Pessoal e Profissional** – Um desafio espiritual. 2 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.
- HUNTER, J. C. **O monge e o executivo**: Uma história sobre a essência da liderança. Sextante, 2004. 144 p.
- Manual para Intercessores**. Secretaria Moisés. Ed. Com Deus, 2000.
- MARTINS, Vera. **Seja Assertivo!** 7 ed. Alegro, 2005.
- MÉNARD, Jean-Denis. **Como se expressar em público**. Vozes, 2008.
- MIGUELES, C.; ZANINI, M. T. **Liderança Baseada em Valores**. 3. ed. Campus, 2010.
- Módulos de formação básicos da Renovação Carismática Católica. Editora RCC Brasil.
- Módulos de Formação dos Profissionais.
- O Batismo no Espírito Santo. RCC, 1998.
- PEASE, Allan & Barbara. **Desvendando os segredos da Linguagem Corporal**. 7. ed. Sextante, 2004.
- PEDRINI, Pe. Alírio J. SCJ. **Carismas para o nosso Tempo**. Edições Loyola, 1991.
- PEDRINI, Pe. Alírio J. SCJ. **Oração de Amorização**. Edições Loyola, 1996.
- PONTIFÍCIO CONS. JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. 5 ed. Editora Paulinas, 2009.
- RUPNILK, Marko Ivan. **O discernimento**. 2 ed. Paulinas, 2008.
- SMITH, S. **Seja o melhor!** Ferramentas testadas e aprovadas para o desenvolvimento pessoal. 14. ed. Clio, 2004.
- SOARES. Regina Teresa Aguiar Munhoz. **Os frutos do Espírito Santo**. Edição Louva-a-Deus, 1996.
- VELLA, Frei Elias. O líder de fé. Palavra & Prece Editora, 2010.
- WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O corpo fala**. 67. ed. Vozes, 2010.



www.rccbrasil.org.br